

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PAULO JOAQUIM MARIANO DA ROCHA SILLA

**O PAMPA, A ESTÂNCIA E O VINHEDO:
REPERCUSSÕES TERRITORIAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DE
SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

PORTO ALEGRE

2021

PAULO JOAQUIM MARIANO DA ROCHA SILLA

**O PAMPA, A ESTÂNCIA E O VINHEDO:
REPERCUSSÕES TERRITORIAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DE
SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros

PORTO ALEGRE

2021

PAULO JOAQUIM MARIANO DA ROCHA SILLA

**O PAMPA, A ESTÂNCIA E O VINHEDO:
REPERCUSSÕES TERRITORIAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL DE
SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**

Aprovada em 02 de março de 2021.

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Michele Lindner (UFRGS)

Profa. Dra. Soeni Bellé (IFRS)

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves (UNIFAL)

Prof. Dr. Thomaz Francisco Silveira Araujo Santos (UFSM)

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Silla, Paulo Joaquim Mariano da Rocha
O Pampa, a Estância e o Vinhedo: repercussões
territoriais no desenvolvimento local de Santana do
Livramento / Paulo Joaquim Mariano da Rocha Silla. --
2021.
89 f.
Orientadora: Rosa Maria Vieira Medeiros.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2021.

1. Território. 2. Paisagem. 3. Enoturismo. 4.
Campanha Gaúcha. I. Medeiros, Rosa Maria Vieira,
orient. II. Título.

À Martha e Celeste, meus amores que me cuidaram e oportunizaram meios.

À Neia, por me ajudar a cuidar de minha mãe além de, durante os anos de realização deste mestrado, semanalmente cuidar da minha casa.

À Rosa, minha orientadora, pela acolhida.

RESUMO

Os territórios da vitivinicultura se expandem na região da Campanha em razão dos seus campos planos, das grandes áreas de cultivo, que viabilizam a mecanização da atividade e pelas apropriadas condições edafoclimáticas locais. Inserido neste contexto, o município de Santana do Livramento, que se desenvolveu baseado na pecuária extensiva das grandes propriedades rurais, adapta-se a essas novas territorialidades. A partir dos processos de industrialização e de globalização, novas formas produtivas são incorporadas ao seu espaço agrário. Com a vitivinicultura, a paisagem local se transforma. Iniciada com um viés industrial, a vitivinicultura local começa a se abrir para venda direta de vinhos e para receber turistas e visitantes. O enoturismo é uma oportunidade para geração de novos postos de trabalho. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da vitivinicultura e do enoturismo para o desenvolvimento local de Santana do Livramento. A metodologia de pesquisa é qualitativa, realizada através de um estudo de caso. A pesquisa se fundamentou em revisão bibliográfica, saídas e diários de campo, e análise das entrevistas com atores sociais relacionados às atividades agrícolas e às atividades características do turismo. Os arranjos produtivos da uva, do vinho e do enoturismo afetam a geração de emprego e renda das vilas vicinais à “Ferradura dos vinhedos”, entretanto sente-se a falta do Poder Municipal para o planejamento e a promoção da atividade enoturística. Os elementos culturais locais, do gaúcho da lida do campo, das paisagens do pampa e das estâncias da pecuária se adaptaram aos territórios da uva e vinho. As vinícolas aproveitam-se destes elementos para formar sua própria singularidade, sua identidade local.

Palavras-chave: Território; Paisagem; Enoturismo; Campanha Gaúcha.

ABSTRACT

The viticulture and winemaking territories expand in the Campanha region due to the appropriate local edaphoclimatic conditions and due to the flat fields and large area of cultivation, which make the mechanization of the activity feasible. Inserted in this context, the municipality of Santana do Livramento, which developed based on extensive livestock farming on large rural properties, adapts to these new territorialities. From the processes of industrialization and globalization, new productive forms are incorporated into its agrarian space. With viticulture, the local landscape is transformed. Stared with an industrial bias, the local viticulture starts direct sales, receiving tourists and visitors. Wine tourism is an opportunity to generate new jobs. Therefore, this work aims to analyze the contribution of viticulture and wine tourism to the local development of Santana do Livramento. The qualitative research methodology carried out a case study. The research was based on bibliographic review, field trips and diaries and analysis of interviews with social actors related to agricultural activities and those related to the typical tourism activities. The productive arrangements for grapes, wine and wine tourism affect the generation of jobs and income from neighboring villages to the “Ferradura dos Vinhedos”, however there is a lack of Municipal Power for planning and promotion of wine tourism activities. The local cultural elements, from the Gaucho of the countryside, the landscapes of the pampa and the ranching farms have adapted to the grape and wine territories. Wineries take advantage of these elements to form their own uniqueness, their local identify.

Keywords: Territory; Landscape; Winetourism; Campanha Gaúcha.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das Regiões Geográficas Intermediárias do Rio Grande do Sul.	30
Figura 2 – Destaque das regiões Intermediárias de Uruguaiana, Santa Maria e Pelotas, no Mapa das Regiões Geográficas Intermediárias do Rio Grande do Sul.	31
Figura 3 – Aquarela “O Tempo e o Vento” de Glauco Rodrigues, 1985	36
Figura 4 – Aquarela “O Tempo e o Vento” de Glauco Rodrigues, 1985	36
Figura 5 – Pintura “Tradição, passado e futuro”, de Glauco Rodrigues, 1997 .	37
Figura 6 – Placa da entrada da vinícola Cordilheira de Santana	57
Figura 7 – Vinhedos da vinícola Cordilheira de Santana	57
Figura 8 – Plátanos na entrada da vinícola Cordilheira de Santana	58
Figura 9 – Vista do Cerro Paloma desde os vinhedos da Cordilheira de Santana	58
Figura 10 – Paisagem da pecuária Vila Palomas	59
Figura 11 – Paisagem rural de Vila Palomas com vinhedo	59
Figura 12 – Paisagem rural circuito Ferradura dos Vinhedos	60
Figura 13 – Mapa da Área geográfica da Indicação de Procedência Campanha Gaúcha	61
Figura 14 – Mapa turístico “Ferradura dos Vinhedos” localizado na área rural da cidade de Santana do Livramento, RS.	67
Figura 15 – Entrada da Bodega Cerro Chapéu	68
Figura 16 – Vinícola Bodega Cerro Chapéu	69
Figura 17 – Imagem Site de Turismo da Secretaria de Turismo de Santana do Livramento	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais usos de terra em Santana do Livramento, 2017	40
Tabela 2: Área das principais lavouras em Santana do Livramento, 2017	41
Tabela 3: Principais Vinícolas da Campanha Gaúcha	60

LISTA DE SIGLAS

ACT – Atividades Características do Turismo

ANTT – Agência Nacional de Transportes Terrestres

APL – Arranjos Produtivos Locais

APVFCG – Associação dos produtores de vinhos finos da Campanha Gaúcha

ASPROUVA – Associação dos produtores de Uva de Santana do Livramento

CEPAVIN – Centro de Patrimônio e Cultura do Vinho - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

COREDES – Conselhos Regionais de Desenvolvimento

COVID-19 – Doença do Coronavírus 2019

EMATER/RS – Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEE – Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IG – Indicação Geográfica

OMT – Organização Mundial do Turismo

PA – Projeto de Assentamento

PIB – Produto Interno Bruto

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEPLAN – Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
2.1 ABORDAGEM DE PESQUISA	17
2.2 TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS	18
2.3 DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DE AMOSTRAGEM	20
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
3.1 O TERRITÓRIO E O ESPAÇO	22
3.2 HISTÓRIA, PAMPA E ESTÂNCIAS	26
3.3 REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM	32
3.4 A VITIVINICULTURA.....	38
3.5 O ENOTURISMO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL	42
4 A EXPERIÊNCIA ENOTURÍSTICA EM SANTANA DO LIVRAMENTO: TRAJETÓRIA DOS ATORES SOCIAIS.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXO I.....	86
ANEXO II.....	87

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente consideradas estagnadas economicamente, a região sul e a fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul possuem sua formação em dinâmicas culturais, sociais e produtivas de maneira singular quando comparadas a outras regiões do estado. Seu passado tem um histórico de pujança econômica e relevância política em todo o país. Localizada nas regiões geográficas imediatas de Uruguaiana e parte das regiões imediatas de Pelotas e Santa Maria, a Campanha teve sua formação territorial marcada por grandes disputas no espaço geográfico. Com o fim do período das missões jesuíticas e o estabelecimento das novas fronteiras do Brasil com Argentina e Uruguai, a estrutura fundiária do estado se consolidou a partir das sesmarias e da formação das estâncias, unidades produtoras agropastoris. Essa atividade econômica foi dominante nesse espaço e fundamental para a geração de riqueza. O charque e a pecuária foram explorados crescentemente durante todo o século XIX, havendo inclusive melhoramento e qualificação do gado a partir da importação de reprodutores bovinos (CHELOTTI, 2005).

Com a demarcação de fronteiras garantidas, a pecuária se desenvolve como um território, a partir das relações dos diversos grupos sociais, desde o estancieiro até o peão da lida do gado (a tradicional figura do gaúcho), passando por outros atores que compravam, vendiam e transportavam o charque. Nesse sentido, a pecuária se tornou a base da cultura e da sociedade, estabelecendo-se como um território da principal atividade econômica da região, facilitada pelo alcance espacial das grandes propriedades. Dessa forma, a estância assume o papel que um dia fora das reduções jesuíticas e passa a compor a principal forma de organização social da metade sul, marcando a cultura do estado.

É na Campanha gaúcha que está localizada Santana do Livramento, município que também tem forte vínculo com a atividade pecuária. Com o surgimento dos frigoríficos, a cidade vislumbrava um panorama econômico de prosperidade. No entanto, o Frigorífico *Armour*, que chegou a empregar 4.000 trabalhadores, após sucessivas reviravoltas, entrou em falência em 1994 (ALBORNOZ, 2000). O surgimento das tecnologias frigoríficas afetou negativamente a produção de charque que constituía a principal economia da região. Com o declínio desta atividade, Santana do Livramento encontra-se envolvida em uma situação delicada. Ao

depender de uma matriz produtiva nada diversificada em poder de poucos atores sociais com ampla influência no espaço geográfico, o impacto na população trabalhadora foi profundo. Com o passar dos anos, os mais favorecidos no enfrentamento da crise conseguiram manter seu poder econômico. Porém, a maior parte da população, desassistida, busca na aglomeração urbana novas oportunidades de vida. Além disso, segundo Fiori (2016, p. 190), o sistema econômico apoiado na grande propriedade e na pecuária extensiva passou a apresentar baixa integração para novos arranjos produtivos. Além disso, um fato que agravava a situação era que “a concentração fundiária e de renda retardou o desenvolvimento capitalista, reduzindo o emprego e o mercado consumidor local” (FIORI 2016, p. 190).

Todas essas circunstâncias contribuíram para a percepção de estagnação da economia da região. Observa-se que o sistema de monocultura é potencialmente frágil economicamente e pode gerar consequências críticas para uma sociedade. Sem uma diversificação produtiva, perde-se a oportunidade de geração de riqueza e distribuição de renda de uma forma sustentável e que garanta maior autonomia e independência ao maior número de atores sociais possíveis. Com o passar dos anos, introduzem-se novas culturas na região, como o milho, o arroz irrigado, o sorgo, a soja e a uva. Todos estes compartilharam espaço com a pecuária tradicional. De todas as novas culturas, chama atenção a dimensão da uva e do vinho na região, visto que, conhecidamente, no Rio Grande do Sul, o grande território da vitivinicultura é a Serra Gaúcha. Entretanto, segundo Chelotti (2005, p. 61) “a Campanha Gaúcha, (em especial os municípios de Bagé e Santana do Livramento) destaca-se por ser a segunda região de maior produção de uvas para fabricação de vinho no Rio Grande do Sul”.

Para Santana do Livramento, a vitivinicultura instalada com as indústrias na década de 1970 trouxe um novo panorama cultural, social e econômico, enraizado com o passar dos anos na região. De acordo com Chelotti (2012, p. 76), o início deste processo ocorre porque: “muitas empresas da Serra gaúcha compraram grandes extensões de terras para a implantação do cultivo de uvas, transformando a região no mais novo polo viticultor do país”. Porém, as atividades de cultivo de uva e produção de uva e vinho na Fronteira Oeste e na Campanha não constituem, de início, um território em si. Para que haja um território, são necessárias as relações humanas, sociais e a ação do tempo e, conforme Manfio e Medeiros (2015, p. 3920),

“desta maneira, mesmo o vinho não representando um elemento histórico da cultura da Campanha, este vem sendo incorporado às territorialidades e identidades, com o papel de articular a cultura e a nova atividade econômica desempenhada regionalmente”.

Hoje a vitivinicultura constitui parte cultural, econômica, social e política nas principais cidades da Campanha. Assim, encontram-se instaladas e em operação, na Vila Palomas, localidade da zona rural do município de Santana do Livramento, a Vinícola Almadén, pertencente ao grupo Miolo, a Vinícola Salton, a Cooperativa vitivinícola Nova Aliança e a Vinícola Cordilheira de Santana. A Cordilheira é um empreendimento local, enquanto os demais projetos fazem parte dos planos de expansão de vinícolas consolidadas na Serra Gaúcha.

A dinâmica desses empreendimentos é sustentada pela lógica da produtividade do capitalismo com o uso de grandes áreas de terra e alta tecnologia. Entretanto, como a repercussão desse novo território, percebe-se o surgimento de produtores independentes que começaram seus próprios cultivos de uva de castas nobres para vinificação. É importante destacar que a cidade de Santana do Livramento tem, em sua produção de uva, foco no cultivo de *Vitis vinífera*, sendo assim voltada exclusivamente para a produção de vinhos. Além disso, as características edafoclimáticas favorecem a região para o surgimento deste território na Campanha. Segundo Ferreira (2005), as características edafoclimáticas foram a principal motivação dos agentes econômicos para a instalação na Campanha Gaúcha (clima mais seco no período de amadurecimento das uvas; solos e relevos capazes de otimizar a qualidade da matéria-prima).

Para complementar o que o autor propõe, há que se levar em consideração que a topografia da região, com seus campos planos e levemente ondulados, propicia o cultivo de uva em larga escala ao facilitar a mecanização do processo produtivo. A viticultura cresceu ao ponto de, em 2020, receber do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) a concessão de Indicação Geográfica, na modalidade de Indicação de Procedência Vinhos da Campanha. Eis um indício da territorialização da uva e do vinho, coexistindo com outros territórios, como o da pecuária e o das lavouras de monocultivo. Esses territórios convivem ou até se sobrepõem uns aos outros em dinâmicas de harmonia, mas também, como no caso da relação da viticultura com a sojicultura, em relações de divergência. Por exemplo, o uso do agrotóxico 2,4-D no manejo da lavoura vem gerando consequências daninhas para a fruticultura.

O território vitivinícola propicia outras atividades: o turismo da uva e do vinho, o enoturismo. Segundo Valduga (2007, p. 16), o enoturismo é um fenômeno dotado de subjetividade, cuja principal substância é o encontro com quem produz uvas e vinhos. Segundo Souza e Dolci (2019, p. 100),

“Os produtos enoturísticos possibilitam que o visitante se envolva tanto em atividades práticas, incluindo colher a uva e produzir seu próprio vinho, como em atividades ligadas à cognição e ao emocional, abrangendo o conhecimento da cultura e tradição vitivinícola e o desfrute de ambientes que propiciam uma ligação com a natureza.”

A paisagem dos vinhedos se torna elemento fundamental para atrair e encantar o turista, provocando suas emoções. Além disso, a atividade tem a capacidade de intervir na autoestima do agricultor, promovendo o resgate e a valorização de sua própria história, de seu trabalho e de sua cultura, além de, potencialmente, garantir sua permanência no campo.

Nesse contexto, o turismo assume papel de sinergia com as necessidades de uma propriedade rural, porque dele surgem possibilidades de complemento de renda. Isso ocorre através da comercialização de outros produtos derivados da sua produção principal, ou até mesmo pela oferta de novos serviços de alimentação ou hospedagem. Segundo Graziano da Silva *et al.* (1998), a produção agrícola passa a ocupar cada vez menos o tempo total de trabalho das famílias rurais e, por conseguinte, a agricultura passa a responder apenas por parte do tempo de ocupação e da renda dessas famílias. O enoturismo é uma atividade que tem o potencial de transformar a realidade econômica de uma propriedade ao viabilizar a diversificação de receita financeira. Entretanto, cabe questionar-se se esse potencial econômico positivo é uma realidade que se aplica a qualquer território de viticultura ou se depende dos contextos e tecidos sociais e culturais das localidades. As transformações nas paisagens culturais da vitivinicultura e da pecuária oportunizam um ambiente favorável às perspectivas das atividades turísticas. Do encontro das novas territorialidades com as bases culturais e históricas do gaúcho e das estâncias, a região desponta como um atrativo turístico singular.

Da perspectiva do desenvolvimento socioeconômico de um local, o turismo rural é uma atividade que fortalece uma comunidade de forma endógena. O enoturismo suscita a diversificação de produtos promovendo novas fontes de renda e, sendo assim, age de forma eficiente na promoção da qualidade de vida de uma

comunidade. O desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos (BUARQUE, 2004). A inclusão da maior quantidade de atores sociais é fundamental para um projeto de sucesso. Conforme Boisier (1996, p. 144), para um território, a tarefa básica do desenvolvimento é a de modernizar seus componentes e gerar um projeto coletivo que os articule e os direcione. Inicialmente, portanto, é fundamental incluir e alinhar em sinergia os atores sociais por quem e para quem se busca o desenvolvimento. A partir disso, ao efetivar o potencial produtivo de uma localidade, possibilita-se melhor distribuição de renda para os territórios coexistentes.

Esta dissertação procura contribuir para a investigação sobre a vitivinicultura no município de Santana do Livramento, a partir da realidade da Ferradura dos Vinhedos. Com o sopro de modernização e de dinamismo oportunizados pela uva e pelo vinho na Campanha gaúcha, novas relações sociais e econômicas emergem e favorecem consigo a inclusão de uma variedade de novos atores sociais os quais desempenham novos papéis. Essas novas ruralidades diversificam a matriz produtiva e econômica da região. O enoturismo se apresenta como algo de interesse para o desenvolvimento local. Diante do exposto, surge o tema de pesquisa, a vitivinicultura como promotora de desenvolvimento local e turístico. A região definida para estudos e análises é a Campanha gaúcha, no sudoeste Rio-grandense. Tem-se, como recorte, Ferradura dos Vinhedos, roteiro turístico localizado no espaço rural do município de Santana do Livramento. Como problema de pesquisa se estabelece o seguinte questionamento: Como a vitivinicultura e o enoturismo repercutem no processo do desenvolvimento local de Santana do Livramento?

A importância desta pesquisa se justifica pela contribuição da crítica acerca das novas territorialidades agrárias da metade sul. Este trabalho é relevante, pois as questões de desenvolvimento local emergem em uma época de crise do modelo econômico neoliberal, gerador de desigualdades e constantemente suscetível diante das crises econômicas, culturais e sanitárias possibilitadas pelo mundo globalizado. Diante das alternativas, a Organização Mundial do Turismo (OMT) declarou 2020 como o ano do turismo rural e desenvolvimento local (MERCADO E EVENTOS, 2019); portanto, é oportuno contribuir com um trabalho de investigação que esteja alinhado com temas sensíveis a uma realidade mundial e contemporânea.

Além disso, esta pesquisa busca reforçar a importância da preservação do patrimônio cultural e imaterial de uma sociedade. A vitivinicultura atravessa os séculos e permanece, preservada enquanto prática, mas afetando comunidades contemporâneas modernizando-as e dinamizando-as. A escolha da Ferradura dos Vinhedos, em Santana do Livramento, como recorte geográfico, demonstra-se interessante pela necessidade de buscar um aprofundamento sobre os aspectos culturais e sociais da Campanha do Rio Grande do Sul, bem como por tentar entender a repercussão da uva e do vinho nesta região.

Por fim, este trabalho procura investigar o espaço geográfico, buscando trazer à luz se o turismo, ainda que viabilize o desenvolvimento socioeconômico de uma localidade, na realidade não promove a urbanização do espaço rural. Estas são as questões que animam ao pesquisador e justificam este trabalho de investigação geográfica como forma de contribuição à pesquisa acadêmica.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a contribuição da vitivinicultura e do enoturismo para o desenvolvimento local de Santana do Livramento, a partir da Ferradura dos Vinhedos, na zona rural do município. Como primeiro objetivo específico, tem-se o de identificar o contexto histórico e as dinâmicas socioculturais e produtivas da região da Campanha. Posteriormente, objetiva-se entender como está organizada a vitivinicultura em Santana do Livramento. O terceiro objetivo específico é identificar a estrutura de turismo e hospitalidade já existente em Santana do Livramento. A coleta de dados e a realização de entrevistas com os atores locais diretamente envolvidos com a vitivinicultura e com o turismo compõem o quarto objetivo. A partir destas reflexões, tem-se, como quinto objetivo, analisar o material coletado, buscando compreender as repercussões da viticultura e do enoturismo no desenvolvimento local do município. Como objetivo específico final, busca-se analisar o material coletado, promovendo um diagnóstico que traga à luz novos questionamentos, de modo a contribuir com a pesquisa científica.

Para que a dissertação percorra um caminho coerente, o trabalho será dividido em cinco seções. Após a introdução, na qual se inclui o delineamento do problema de pesquisa, a segunda seção traz quais procedimentos metodológicos foram adotados. A terceira apresenta a fundamentação teórica sob o qual esta pesquisa foi construída. Sua primeira subseção versa sobre os conceitos geográficos de território e espaço, além de apresentar um aprofundamento do panorama histórico para trazer à luz quais arranjos territoriais do Pampa e da Campanha contribuíram

para sua formação cultural. Para tanto, são revisadas as questões de ocupação de território e miscigenação de culturas, de identidade e pertencimento dos nativos e formação do gaúcho, a constituição do território das estâncias e como todas essas territorialidades da Campanha participaram da formação do Rio Grande do Sul.

Posteriormente, há uma incursão pelos conceitos acerca de paisagens e como estas afetam as pessoas. Além disso, abordam-se questões sobre a percepção e a apreensão paisagística. A vitivinicultura, suas territorialidades e sua inserção no Rio Grande do Sul compõem a quarta subseção. Criando um preâmbulo para descrever a realidade encontrada pelo pesquisador, a última subseção traz à luz questões sobre o desenvolvimento local e sobre o fenômeno do Enoturismo, já apresentando alguns dados sobre atividade agrícola em Livramento.

A quarta seção, então, é a experiência enoturística encontrada pelo pesquisador. Esta seção descreve os achados e aprofunda-se em uma análise, contextualizando a realidade local e os questionamentos que originam esta dissertação. Nesta seção, descrevem-se os atores sociais, suas territorialidades e suas trajetórias de vida. Objetiva-se compreender quais são seus papéis e o alcance que esses atores têm nas tramas sociais e econômicas. Com isso, procura-se mapear as questões sociais e as necessidades específicas que emergem diante da realidade vivida em Santana do Livramento. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais do pesquisador, analisando o material coletado, sendo seguida pelo referencial bibliográfico.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia explica como o trabalho é realizado, expondo quais procedimentos, processos e técnicas o pesquisador seleciona para a construção de seu trabalho de pesquisa. Sendo assim, descreve-se abaixo o tipo de pesquisa escolhido, quais as técnicas de coleta de dados, além do universo e da amostra selecionados.

2.1 Abordagem de Pesquisa

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo apresentar como os territórios da vitivinicultura e do enoturismo repercutem no desenvolvimento socioeconômico de Santana do Livramento. Para tanto, a pesquisa tem caráter qualitativo, buscando descrever as realidades locais a partir das suas territorialidades contemporâneas. A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno (VERGARA, 1998). Dalfovo *et al.* (2008, p. 9 *apud* PESSÔA, 2019) afirmam que, na abordagem qualitativa, procura-se “trabalhar predominantemente com dados qualitativos, isto é, informação coletada [...] não é expressa em números, ou então os números e conclusões neles buscados representam um papel menor de análise”.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador um contato com aspectos de ordem subjetiva de um determinado grupo e “descreve claramente as características de uma situação ou de um grupo de indivíduos” (ALMEIDA, 1989, p. 71). Além disso, a pesquisa qualitativa oportuniza um olhar macro e abrangente, a partir do qual outros elementos podem ser apreendidos durante e posteriormente à análise. Já a pesquisa descritiva “desenvolve-se principalmente nas Ciências Humanas e Sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos” (GODOY, 2006, p. 130 – 131).

Para a realização desta pesquisa qualitativa, opta-se pela abordagem de estudo de caso. Conforme Yin (2001, p. 32) um estudo de caso é uma investigação empírica que (i) investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando (ii) os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Yin (*idem*, p. 28) ainda complementa “faz-se uma questão do tipo “como” ou “por que” sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos

sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”. Portanto, a técnica se adequa aos propósitos de pesquisa deste trabalho, a partir da exploração e imersão em distintos fenômenos. Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa (MARTINS, 2008, p. 10). O autor ainda complementa que,

Em um estudo de caso, análises e reflexões estão presentes durante os vários estágios da pesquisa, particularmente quando do levantamento das informações, dados e evidências, em situações em que resultados parciais sugerem alterações, correções de rumo. A sistematização e organização de rascunhos, notas de observações, transcrições, registros de comentários, diários, opiniões etc. são coligidos em campo e indexados segundo algum critério definido no protocolo do estudo. Para tanto, o pesquisador deverá, cotidianamente, construir seu diário de campo, ou diário da pesquisa. (Idem, 2008, p. 10)

Percebe-se o estudo de caso como uma ferramenta que oportuniza ao pesquisador coletar dados que lhe permitam enxergar em profundidade os aspectos estudados. Trata-se de absorver dados de distintas formas de coleta pra compor um conjunto que expresse indícios sobre o objeto de pesquisa. Essas respostas são combinadas ainda com o resultado de entrevistas e observação, enriquecendo o trabalho investigativo. Como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos (YIN, 2001). Sendo assim, compreende-se o estudo de caso como ferramenta ideal para a investigação da ocupação dos espaços geográficos.

2.2 Técnicas para Coleta de Dados

Para obter material para análise e produção de resultados, tem-se a etapa de coleta de dados, que é a fase do método de pesquisa a qual tem por objetivo obter informações sobre a realidade (DENCKER, 1998). Sendo assim, opta-se por iniciar pela pesquisa bibliográfica, uma vez que Marconi e Lakatos (1992) consideram-na a primeira etapa de toda pesquisa científica. Posteriormente, recorre-se aos demais instrumentos, como saídas de campo, observações simples e diário de atividades, produção fotográfica e entrevistas semiestruturadas. Para os viticultores e para as vinícolas, o questionário das entrevistas é composto por 14 perguntas (Anexo I) e um

espaço para contribuição espontânea que venha a ocorrer por parte do entrevistado. Já para os profissionais do setor do turismo, o formulário conta com 12 perguntas (Anexo II). Opta-se por conduzir as entrevistas deixando espaço aberto para insights que possam surgir. Para arguição das entrevistas recorre-se à análise do discurso. Para Maingueneau (2015, p. 179), “é por meio do discurso que se constrói a realidade social e, portanto, todo o empreendimento de conhecimento, inclusive os próprios estudos do discurso”. Essa realidade será entendida como real a partir da fala e do lugar do sujeito entrevistado. Ainda para Maingueneau (2015, p. 27),

O discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e ao seu destinatário [...]

Se, de um lado, a discussão no campo da AD nos remete à questão do sujeito, de outro, remete-nos à questão dos condicionantes do discurso (GUIRADO, 1995). O ambiente e as territorialidades são perseguidos como elementos condicionantes e são procurados nas respostas dos entrevistados. O discurso pensado, então, como práxis, como ação de sujeitos históricos, é o lugar onde os sentidos se produzem, onde os sujeitos atuam, em decorrência de envolvimento sociais, históricos e sociológicos (FLORÊNCIO *et al.*, 2016). As subjetividades desses atores, dos entrevistados, são os elementos determinantes para a construção de muitas realidades, de distintos locais de fala e que têm, em comum, a genuinidade de sua vivência, sua experiência. Ainda conforme Florêncio *et al.* (2016, p. 85), “temos de ter o entendimento de que todo discurso é o resultado de uma intervenção do sujeito sobre um aspecto da realidade, que objetiva, na materialidade discursiva, o ponto de vista da subjetividade [...]”. Portanto, com base nas respostas esperadas, tanto das entrevistas quanto da confrontação da revisão bibliográfica com o resultado das observações e do diário de campo, serão categorizadas as respostas resultantes das entrevistas, da pesquisa bibliográfica, das observações e do diário de campo, em parâmetros semânticos, sintáticos, léxicos.

Com relação ao processo, as observações foram realizadas em duas saídas de campo. A primeira, em 2019, para reconhecimento do município e do local selecionado como recorte, a Ferradura dos Vinhedos; a segunda foi realizada em janeiro de 2020, antes do início da instituição dos procedimentos de combate à então

recente pandemia de COVID-19. As entrevistas foram conduzidas por conversas via telefone e por e-mail, seguindo um roteiro previamente determinado, entre 2020 e 2021. Segundo Godoy (1995), os dados devem ser coletados no local onde eventos e fenômenos que estão sendo estudados naturalmente acontecem, incluindo entrevistas, observações, análise de documentos e, se necessário, medidas estatísticas. Em vista das dificuldades impostas pelo isolamento social e pela pandemia de COVID-19, não foi possível realizar presencialmente as entrevistas. Sendo assim, conforme já mencionado, parte das entrevistas foram realizadas por telefone e outra parte por e-mail.

2.3 Delimitação do espaço de amostragem

O espaço de pesquisa está delimitado pelas territorialidades da uva e do vinho de Santana do Livramento. Nesse sentido, seleciona-se como recorte de estudo o roteiro turístico Ferradura dos Vinhedos. Tal recorte geográfico servirá para compreender e representar o universo dessa realidade social, porque é no entorno da Ferradura dos Vinhedos que se localizam os projetos vitivinícolas de Livramento. Consideramos atores sociais os coletivos agrupados, os quais são estruturados conforme a natureza de suas atividades. Em primeiro lugar, os grupos relacionados às novas ruralidades de Santana do Livramento, com atenção especial à atividade vitivinícola, buscando diferenciá-los entre sua forma de produção, de financiamento e de comercialização. Posteriormente, os atores relacionados com o turismo são estruturados conforme as Atividades Características do Turismo (ACTs). Nos dizeres de Gil (2008, p. 90-91):

Na pesquisa social são utilizados diversos tipos de amostragem, que podem ser classificados em dois grandes grupos: amostragem probabilística e não-probabilística. Os tipos do primeiro grupo são rigorosamente científicos e se baseiam nas leis consideradas no item anterior. Os do segundo grupo não apresentam fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador. Claro que os procedimentos deste último tipo são muito mais críticos em relação à validade de seus resultados, todavia apresentam algumas vantagens, sobretudo no que se refere ao custo e ao tempo despendido.

Sendo assim, adota-se uma abordagem não probabilística, e a seleção dos sujeitos se dá conforme as suas territorialidades e acessibilidade. Nessa amostragem por acessibilidade, o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso,

admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo (GIL, 2008, p. 94). Este critério é adotado pelo caráter exploratório desta pesquisa que apreende na riqueza da pluralidade social sua essência qualitativa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de construir um embasamento abrangente no que se refere aos conceitos geográficos e aos conceitos de interesse para esta pesquisa, optou-se por mergulhar nas questões de espaço geográfico e território, em aspectos historiográficos da Campanha gaúcha e da própria vitivinicultura no estado do Rio Grande do Sul, bem como apreender concepções acerca do conceito de paisagem para arrimar o próprio fenômeno turístico. O aprofundamento em conceitos de desenvolvimento local correlacionados com o enoturismo é o preâmbulo para que se apresentem os resultados e achados desta pesquisa.

3.1 O território e o espaço

A busca por compreender o comportamento humano quanto à apropriação e ao uso espacial move pesquisadores que estudam, com o passar dos anos, os processos de constituição de territórios. O aprofundamento crítico dos conceitos de território e espaço se dá a partir da evolução histórica e da observação da complexidade das relações que se estabelecem entre os distintos grupos sociais que buscam seu espaço de vida. Os fenômenos sociais tornam as pesquisas mais complexas e, por isso, mais ricas e profundas. Território e espaço, no entanto, são conceitos que podem se confundir. Nesta subseção do trabalho, o objetivo é estabelecer as diferenças entre esses conceitos para nos apropriarmos de um único construto de território que possa nos acompanhar durante a investigação.

Segundo Santos (2006, p. 39), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações”. As várias formas de vida em constante interação produzem e reproduzem objetos e relações em uma dinâmica que se retroalimenta. Entendemos objetos como os produtos dessas relações. Eles se apresentam desde em formas simples, como árvores, pontes e edifícios, até em elementos culturais tão complexos quanto as próprias possibilidades de ação podem ser. O autor completa seu argumento afirmando que

no começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos

técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (Idem, p.39).

Esses objetos e sistemas começam a partir da natureza natural e se artificializam com o passar dos anos, tornando mais difíceis de compreender essas relações espaciais. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (ibidem, p. 39). Os espaços são ocupados e reocupados por distintos grupos sociais os quais possuem interesses que podem divergir ou convergir, de forma coesa ou contraditória.

Na busca por um espaço para ocupar, homens e mulheres aplicam suas energias e conhecimentos em dinâmicas de vida. Essas pessoas territorializam o espaço buscando criar seu território. Um grupo social também escolhe um espaço baseado em seus recursos naturais e na possibilidade de serem usados para seu sustento. Para Santos (2006, p. 56), “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido”. As relações entre meio natural e social, com a ação do tempo, possibilitam territórios em um espaço.

Buscamos encontrar as concepções contemporâneas acerca de território, transcendendo a abordagem física do conceito, cujo sentido era exclusivamente de ordenamento jurídico, uma delimitação espacial de controle e de poder do Estado. Busca-se uma abordagem que inclua os elementos culturais e sociais além das suas relações na construção territorial. O território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder (RAFFESTIN, 1993). O trabalho mencionado pelo autor é a energia e a atividade do homem que são aplicados na formação de seu território. A capacidade de ação e de poder tem relação estreita com a qualidade da informação que um determinado grupo tem. A informação é o elemento que determina maior ou menor capacidade de ação de territorializar-se. O autor ainda complementa ressaltando que “o espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”. O sentido de “original” nos remete à ideia de prévio, anterior ao território, enquanto o espaço se entende como um local expansível e de possibilidades infinitas, mas como local do qual não se pode escapar. O território é organizado pela sociedade, que transforma (humaniza) a natureza, controlando certas áreas e atividades, política e economicamente; significa relações sociais e complementaridade; processualidade histórica e relacional (SAQUET, 2015, p. 51). O

território é um constructo de relações entre grupos sociais que se integram de forma sistêmica. Essas relações podem parecer contraditórias em seus processos de complementaridade: podem ser convergentes ou conflitantes, porém ambas coexistem sem que uma invalide a outra. O território se confirma na passagem do tempo, na recorrência e no aprofundamento de tais relações entre atores sociais. Ao buscar distinguir os conceitos de território e espaço, não devemos ignorar sua estreita relação. O espaço e o território não podem ser dissociados, pois, enquanto o primeiro se faz necessário para demarcar a existência do segundo, este último, por sua vez, é a condição para que o espaço se humanize (MEDEIROS, 2009, p. 217). Território é um fenômeno posterior ao espaço e compreendido desde uma perspectiva que combina tempo, cultura, representações e atividades sociais. Nos dizeres de Raffestin (1993, p. 143),

“O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” espaço [...]”

Os atores sintagmáticos são indivíduos ou grupos sociais que possuem atividades entre si, dependem uns dos outros, inclusive para formarem sua própria identidade. Dessa forma, a relação entre atores confirma o sentido de pertencimento de um território. Observa-se o surgimento de uma tipologia específica de território conforme os atores que estão participando desse jogo social e de acordo com o tipo de relações que surgem entre eles. As ações conduzidas por esses atores são suas atividades cotidianas que se efetivam com o passar do tempo e em um determinado espaço. Elas refletem seus costumes aprendidos e ensinados, são as territorialidades que preenchem um espaço. Na visão de Raffestin (1993, p. 161-162), a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a “face vivida” da “face agida” do poder. As relações de poder são marcas que também determinam as territorialidades.

Um grupo somente se territorializa quando tem o poder para se estabelecer e, sobretudo, para permanecer em um determinado espaço. A história de um território se dá com as novas gerações as quais replicam as mesmas práticas e atividades de seus antepassados. Desse modo, enraízam seus saberes, dão significado a seus modos, costumes e relações além de constituir sua cultura, na sua imaterialidade.

Segundo Dematteis (1999 *apud* Saquet, 2015, p. 115), “essas relações dão identidade ao lugar, numa espécie de território patrimônio”. Para quem pertence a um território, esse local de pertencimento já é, por si, um patrimônio. O conhecimento e os saberes, quando compartilhados entre pessoas de uma comunidade, reforçam seus laços de identidade. Logo, o território é um espaço de identidade ou pode-se dizer que é um espaço de identificação (MEDEIROS, 2009, p. 217). Se um território é um espaço de trocas e interações sociais, é justo afirmar que ele também é um local de validação e aceitação do outro. A autora ainda completa que, nesta relação do ser humano com o espaço do território, ele coloca valores relacionados aos sentimentos e à identidade cultural. (Idem, p. 219).

O sentir-se pertencente em um território também passa pelo investimento emocional de um indivíduo, que tem, nos outros, a confirmação de sua própria identidade. O território constitui um campo de representações privilegiadas (DI MÉO, 1993, p. 274). No território se dão elementos de identificação, representações culturais materiais, físicas e imateriais, como seus saberes. Um território constituído, enraizado, parece ser um lugar acolhedor e seguro para demais gerações que ali nascem. O sentimento de pertencimento vai se solidificando com o passar dos anos e das gerações. Corroborando essa ideia, Medeiros (2009, p.224) ainda aponta que:

Criar uma identidade num espaço desconhecido, onde cada dia é um novo conhecer, exige desses camponeses um grande esforço. Entre erros e acertos vão construindo uma nova territorialidade. Muitos abandonam, desistem, vão para outros lugares, mas há os que ficam, que resistem e que começam a reconstruir um território onde as marcas de sua história serão fixadas como marcos de sua identidade.

A construção de um território é um trabalho, sobretudo, de resistência, paciência e de lidar com o tempo. Nem sempre é uma tarefa fácil devido às dificuldades de acesso que uma comunidade venha a ter com relação a recursos básicos. Para Saquet (2015, p. 170), o território significa tempo, temporalidades e territorialidades. Não se apreende um território como se fosse algo material e estático, ele é dinâmico e seu movimento ocorre com a ação do tempo, constante, em territorialidades recriadas que podem ganhar um corpo maior e nascer, a partir de um outro território preexistente, ou expulsando-o. Mas a sensação de segurança é somente isso, uma sensação. Alguns territórios podem encontrar suas fragilidades nas próprias territorialidades de outros grupos. Com o passar do tempo, as relações territoriais se tornam ainda mais complexas. Nas palavras de Haesbaert (2014, p. 75),

A pluralidade de territórios pode estar compreendida de duas formas [...] como conjunto justaposto de diversos territórios compreendidos no seu interior [...] como conjunto superposto de vários territórios (ou territorialidades) cuja abrangência pode ir bem além dos seus limites físicos.

O autor nos convida a pensar sobre a complexidade de territórios e as relações que os constituem. Um território transcende limites físicos, porque os próprios atores se relacionam social e economicamente independentemente de suas localizações geográficas, suas ações e influências são os aspectos que indicam o alcance de um território. Para Desjardin (2017, p. 13), “O ordenamento do território é uma ação coletiva e voluntária que visa organizar de forma harmoniosa a distribuição das populações, atividades e infraestrutura no espaço e no tempo”. Com uma população em crescimento e com os desafios contemporâneos de polarização sócio-política, seria possível criar condições para um território socialmente justo? Santos (2002, p. 34) afirma que “não há pacto social sem pacto territorial”. A possibilidade de uma vida digna dos grupos sociais perpassa a oportunidade de ocupação espacial, de formação de seu território. É necessário respeitar as diferenças culturais, buscando um ambiente de inclusão e aceitação. Dessa forma, os territórios analisados nesta pesquisa são trabalhados em seus aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, para que se possa compreender o alcance de seus atores sociais e, assim, revelar aspectos de sua abrangência. Sendo assim, torna-se instigante a pesquisa acerca dos territórios da uva e do vinho enraizados no território da pecuária extensiva e suas repercussões nas complexas tramas rurais e urbanas. Por essa razão, a história da Campanha Gaúcha nos remeterá às raízes desse complexo território.

3.2 História, pampa e estâncias

A história de colonização do Rio Grande do Sul acontece em meio à disputa de terras na região das fronteiras oeste e sul e, posteriormente, como projeto de novo povoamento na região da encosta do nordeste. Os primeiros colonizadores, Portugal e Espanha, desejavam estabelecer seus próprios territórios, extensões de seus reinos. As distintas etnias partícipes dessa formação territorial compõem a riqueza cultural que atravessou o tempo resistindo a novas territorialidades modernas. Em comum, essas etnias da metade sul têm, na sua constituição cultural e identitária, uma forte relação com o bioma Pampa e seus campos e paisagens. Os primeiros

habitantes de que se tem registro são os grupos indígenas: Gês, Guaranis, Charruas e Minuanos.

O espaço de vida dessas etnias era tão vasto quanto sua capacidade de circular. O espírito de liberdade do gaúcho tem relação direta com esse modo de vida ancestral. No período das missões jesuíticas, em meados do século XVII, estabelecem-se novos sistemas de produção na região, como o cultivo de hortaliças, a criação de gado, o cultivo de erva-mate, mandioca, milho, batata e outras lavouras sazonais. Segundo Fontoura (2019), esse sistema de produção pecuário seguiu muito semelhante até os tempos das charqueadas, já na estância privada, no século XIX. Eis, então, o início de um elemento cultural importante do Pampa: a pecuária extensiva. Com a instituição do Tratado de Madri, surgem as novas fronteiras do Brasil com Uruguai e Argentina. Com o objetivo de garantir sua posse, Portugal faz a ocupação territorial através da doação de terras, as sesmarias.

O latifúndio, a pecuária, a produção de couro e as charqueadas são os esteios que garantiram à região a influência política e o protagonismo econômico do estado de forma que “em 1850, o Rio Grande do Sul já apresentava a quarta maior economia do Brasil” (FIORI, 2016, p. 186). Em paralelo, instituíam-se políticas públicas para promover o povoamento da região norte do Rio Grande do Sul, até então uma região considerada pobre e desassistida. Com o declínio das charqueadas e o surgimento dos frigoríficos no início do século XX, inicia-se um processo de modernização do sistema produtivo e, segundo Fontoura (2019, p. 227),

Este cenário fez com que o rebanho sul-rio-grandense se diferenciasse. Esta situação teve seu auge nos anos 1960, decaindo e entrando em colapso nos anos 1980, para se recuperar na década seguinte, mas de uma forma bem diferente.

A segunda metade do século XX é marcada por mudanças nas relações produtivas e de trabalho. No Brasil, com o Getulismo, inicia-se um processo de modernização na agricultura, com um foco especial nas lavouras de arroz. Como repercussão da mecanização no campo, o esvaziamento das áreas rurais era fenômeno notório. Em busca de melhores oportunidades de vida, trabalhadores da lida do campo, do plantio e da colheita partiam algures. Fiori (2016) levanta a questão de que o sistema econômico apoiado na grande propriedade e na pecuária extensiva

passou a apresentar baixa integração para novos arranjos produtivos. Esse fato agravava a situação da metade sul do estado, pois “a concentração fundiária e de renda retardou o desenvolvimento capitalista, reduzindo o emprego e o mercado consumidor local” (FIORI 2016, p. 190). Em 1964, com a ditadura militar, surge o Estatuto da Terra, documento que intervinha em questões agrárias fundamentais para o País. O Estatuto da Terra tinha dois objetivos amplos: promover a Reforma Agrária e uma mudança na base técnica da agricultura brasileira. O primeiro não foi cumprido. O segundo foi mais significativo, porque mudou para sempre a regionalização da agricultura (FONTOURA, 2004). O Estatuto atendia ao projeto desenvolvimentista dos militares que buscavam “a passagem de regiões relativamente autônomas e policultoras para a especialização regional” (Idem, 2004, p. 239). Na prática, tratava-se de um reordenamento territorial agrário que desconsiderava características culturais, ambientais e sociais dos territórios e biomas brasileiros.

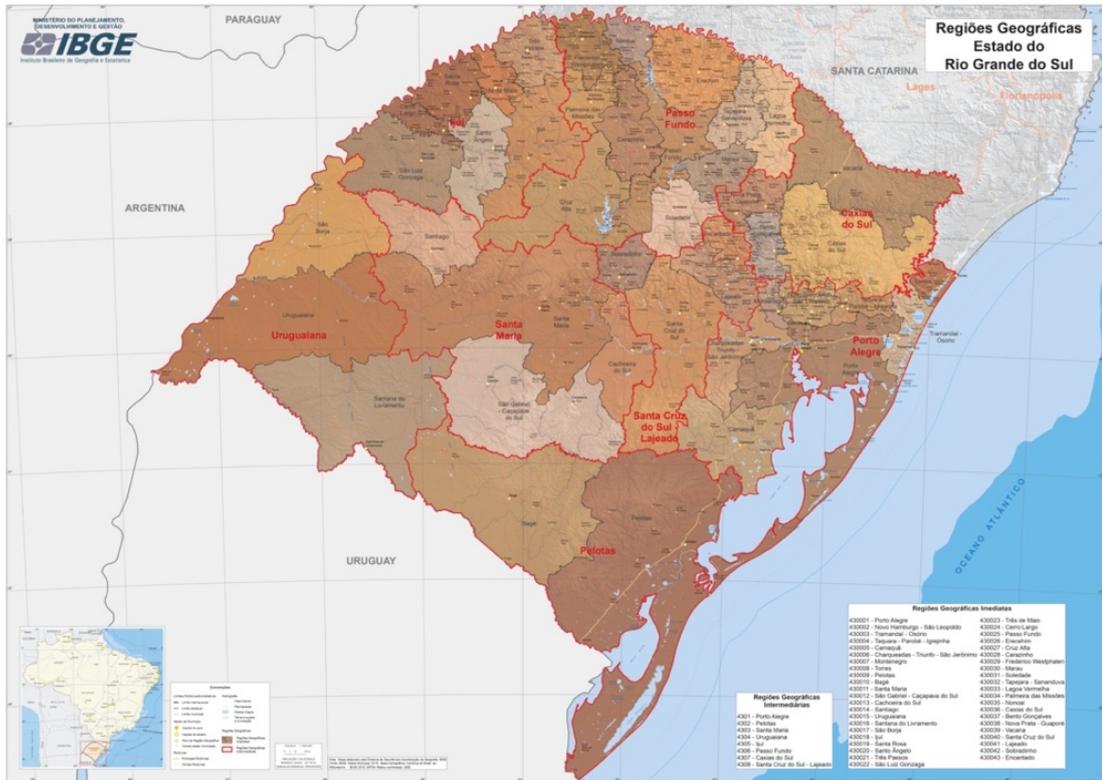
Ainda segundo Fontoura (2004, p. 239), a territorialização do projeto do Estado pela via do Estatuto da Terra seria uma abstração se não houvesse, do outro lado, interesses localizados e a gestação de atores sociais há muito tempo: a formação dos granjeiros que representariam uma racionalidade e um ritmo diferente de produção. Aproveitando as facilidades outorgadas pelo Estatuto da Terra, esses agricultores granjeiros dispuseram de facilidades como assistência técnica, acesso a seguro e crédito agrícola e facilidades para aquisição de sementes. Como esses granjeiros já tinham experiência com o manejo de lavouras e estavam com mais recursos para expandir, eles iniciaram um processo de migração para a região da Campanha e Fronteira Oeste em busca de terras para plantar. Nessa região, encontravam-se certos proprietários de terra, herdeiros das sesmarias, em situação de pouca solvência financeira. Com seu patrimônio imobilizado e sem capacidade de investimento, alguns estancieiros temiam que suas terras fossem consideradas ociosas e improdutivas e fossem tomadas pelo Governo. Do encontro dos granjeiros que possuíam meios e conhecimento para plantar com a necessidade dos estancieiros de tornar seus campos produtivos, iniciam-se os processos de arrendamento de terras e expansão de lavouras do trigo, arroz e soja na metade sul do estado. O território da pecuária começa a perder espaço.

Com a estabilidade econômica do Plano Real dos anos 1990, a abertura econômica do país, o avanço do neoliberalismo e o surgimento de novas tecnologias da informação, a tônica empresarial se expande na agricultura do Rio Grande do Sul

na mesma medida em que os seus mercados nacionais e internacionais crescem. Os grandes centros urbanos são os agentes consumidores que determinam as dinâmicas rurais. Em busca de ocupação de terra, os desafios sociais se agravam entre a agricultura empresarial e a chamada agricultura familiar para desenvolvimento de suas atividades. Acompanhando a competitividade mercadológica, as políticas públicas são mais escassas e “o subsídio não existe mais na forma como ocorreu no “boom” dos anos 70, quando a regra era ganhar para produzir. Hoje, distante das relações com o Estado, o subsídio chega na forma de isenção fiscal” (FONTOURA, 2004, p. 245).

Para garantir a competitividade e a manutenção de suas atividades, empresas rurais buscam sua expansão em novos territórios. Conforme o mundo se abre para as dinâmicas de globalização, novos espaços geográficos se tornam alvo de empresas de grande porte que anseiam expandir de seus negócios. Estavam criadas as condições e ambientes favoráveis para novas territorialidades surgirem na Campanha. Este trabalho de pesquisa versa sobre territorialidades da região culturalmente conhecida por Campanha gaúcha. Ela ocupa parte dos espaços das regiões geográficas intermediárias de Uruguaiana, de Pelotas e de Santa Maria conforme as figuras 1 e 2.

Figura 1 – Mapa das Regiões Geográficas Intermediárias do Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE, 2017.

Figura 2 – Destaque das regiões Intermediárias de Uruguaiana, Santa Maria e Pelotas, no Mapa das Regiões Geográficas Intermediárias do Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE, 2017.

A Campanha tem, no bioma Pampa, suas características mais marcantes, com planícies e coxilhas, campos ondulados com vegetação rasteira e arbustiva. É nessa riqueza ambiental que se constituiu a riqueza cultural: dos nativos grupos indígenas que habitavam o Pampa passando pelos imigrantes europeus que chegam para ocupar e reconfigurar esses espaços e também pela população negra escravizada, todos estabeleceram seus modos de vidas conforme os recursos ofertados pelo bioma, criando, com o Pampa, um laço de comunhão cultural, social e econômico. Esse processo de territorialização por parte desses distintos grupos promoveu inscrições e marcas no espaço geográfico. Utilizando-se do Pampa, ao territorializarem-se, os grupos redesenhavam as paisagens, constituindo seus locais de pertencimento.

3.3 Reflexões sobre a paisagem

A paisagem, para Santos (1996), existe no espaço social, através das relações sociais que envolvem o homem e o espaço presente. O autor nos apresenta paisagem como uma fisionomia das relações humanas em um determinado espaço, uma marca cultural. O termo paisagem, para Claval (2004, p. 13), “aplica-se aos quadros que apresentam um pedaço da natureza”. As artes plásticas têm relação direta com a forma contemporânea com que percebemos uma paisagem. A pintura, para Salgueiro (2001), desempenhou um papel determinante na construção de códigos estéticos de apreciação da natureza. E essa percepção da natureza, a partir dessa relação do artista com o seu meio é que abre a possibilidade para essa nova relação. Segundo Luchiari (2001, p.15), “até ao século XVIII, a paisagem era sinônimo de pintura [...] foi na mediação com a arte que o sítio (lugar) adquiriu estatuto de paisagem”. Essa nova perspectiva, introduzida a partir das artes plásticas, indica também uma nova forma de o ser humano se relacionar com seu meio. Na realidade, ao perceber seu entorno, o ser exercita seus sentidos e suas memórias, seus afetos.

Segundo Andreotti (2013), a paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção. A paisagem existe na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade é que a produziu, que a reproduz e que a transforma em função de uma certa lógica (BERQUE, 1998). Sendo assim, a paisagem é uma compreensão humana, mas vai além, ela indica hábitos, funções. Para Claval (2007), a paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. O autor complementa que “ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou ao gosto estético dos grupos” (CLAVAL, 2007, p. 14). É importante ressaltar, a partir da fala do autor, como homens e mulheres buscam a confirmação de si e de suas crenças ao interferir em seu entorno, talhando marcas e moldando paisagens ao mesmo tempo que constroem seus espaços de identidade.

Por serem territórios frutos de relações culturais, sociais, econômicas e religiosas, as paisagens são expressões destes territórios. Para Di Méo (1993), o território constitui um campo de representações privilegiadas. As paisagens, portanto, são expressões de identidades cuja capacidade de ação se sobrepôs em um

determinado espaço por um determinado tempo. Uma paisagem predominante é uma expressão de poder em um determinado espaço.

Entretanto, como observa Santos (1988), a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições. Tal qual acontece nos processos de territorialização, o elemento tempo confirma a existência, tanto do território, quanto da paisagem. É com o passar do tempo que uma paisagem é construída, acrescida dos saberes e valores das novas gerações de um território. Ab'Sáber (2003, p. 9) aprofunda a questão da temporalidade incluindo os aspectos da natureza ao dizer que a paisagem “é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação das comunidades”. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes (SANTOS, 1988). Esse conjunto de objetos nos propõe distintas formas de apreender a paisagem, seja como um todo, uma reunião destes objetos, seja através da análise individual deles. Nas palavras de Schaffer (1998, p. 90),

uma mesma paisagem permite vários recortes para análise, indo de questões mais concretas e simples, como é o caso da observação de formas, de elementos constitutivos, de transformações, de funções, às mais complexas e pautadas na inferência e na reflexão crítica[...].

Tanto individualmente quanto como pertencente a um conjunto de um todo maior, a paisagem fala de tempos de existência de distintas formas de vidas, valores e culturas. Essas culturas compartilham um mesmo espaço, de forma conflitiva ou harmônica e, sendo assim, inscrevem suas marcas no espaço, promovendo uma difusão da paisagem. Para Sauer (1998, p. 59),

Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga.

Podemos entender as paisagens como constructos sociais, em sua feição são atribuídos significados e valores os quais são expressos na fisionomia do lugar. Segundo Cosgrove (1998, p. 102), “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura [...] O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e apresentado como alimento humano”. Os objetos, o meio-ambiente, o espaço territorializado ganha o significado dado por determinado grupo social.

Segundo Sauer (1998), a cultura é o agente; a área natural é o meio; a paisagem cultural, o resultado. Podemos entender que a paisagem é cultural por si só, à medida que, em sua construção, atribui-se significado. Ela é um documento-chave para compreender as culturas (CLAVAL, 2007). Dessa forma, a leitura da paisagem permite apreender dados sobre determinada comunidade local, sobre a maneira como ela se territorializa e preserva seu território. Para Andreotti (2013), a paisagem cultural é histórica, geográfica, filosófica, religiosa, artística, ética e estética.

Corroborando a ideia de que é, com a passagem do tempo, que se constituem as paisagens culturais, Cosgrove (1998, p. 101) afirma que “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem de ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana [...]”. Para Sauer (1998), a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. Segundo Claval (2004), os signos de que as paisagens são portadoras transmitem mensagens intencionais, geralmente muito fáceis de serem decifradas pelas pessoas familiarizadas com a cultura local. Mas não pelos outros.

Uma paisagem pode estar carregada de sentidos, mas o sentido que tem uma paisagem também depende dos valores e das experiências vividas por quem a contempla, por quem a apreende. Para Berque (*Apud* MARIA, 2007, p. 65), são muitas as dimensões sob as quais pode-se apreender. Nos seus dizeres, “Se trata de um sentido ecossimbólico, que comporta ao mesmo tempo, e inseparavelmente, uma dimensão espiritual (significações), uma dimensão carnal (sensações) e uma dimensão física (orientações espaciais e de evoluções temporais)”. No entanto, a paisagem não é somente expressão, ela também é percepção. Logo, trata-se de uma dinâmica de entender a sua construção e também entender como ela é percebida, ou seja, de que forma afeta as pessoas. Nos dizeres de Berque (1994, p. 5),

a paisagem não se reduz aos dados visuais do mundo que nos envolve [...] Ela é sempre especificada de qualquer maneira pela subjetividade do observador [...] A paisagem é uma entidade relativa e dinâmica, onde a natureza e sociedade, olhar e meio ambiente estão em constante interação.

Para Santos (1988, p. 61), “tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem [...] não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. Mas será que é somente a visão o sentido que nos toca? Pode ser que seja o primeiro sentido estimulado, o mais evidente, mas não é o

único. Berque (1998) nos convida à reflexão ao assinalar que o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não é somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo. Nesse sentido, Tuan (2013, p. 19) nos provoca ressaltando que “ver e pensar são processos intimamente relacionados. Em inglês, ‘eu vejo’ significa ‘eu entendo’. A capacidade cognitiva é estimulada através da visão”. Porém, a contemplação e a captação de uma paisagem não são somente sobre racionalidade, o autor, então, complementa que “a experiência é construída de sentimento e pensamento” (Idem, 2013, p. 19). O indivíduo que se coloca em uma relação com dada paisagem percebe o que ela informa, mas também atribui significado a ela conforme suas emoções, seus sentimentos.

Para Claval (2004), é viajando, familiarizando-se com paisagens diferentes, que os geógrafos se tornam sensíveis a esses marcos, cuja presença repetida é sinal de pertencimento, de reconhecimento, de confirmação de identidades. O autor fala sobre a importância de estar presente em um determinado território para melhor sabê-lo, dentre outras formas, através da apreciação e análise de sua paisagem. Em suma, a paisagem agrega o visível, mas também o invisível. O material, mas também o espiritual. É essa ambivalência que é essencial, e que constitui a realidade da paisagem (BERQUE, 2008). A paisagem é uma experiência subjetiva e objetiva, uma complementando a outra em uma complexa relação que inclui quem a constitui e quem é afetado por ela. O processo, possivelmente, se retroalimenta e, para Berque (1994), as sociedades interpretam seu ambiente de acordo com o arranjo que fazem dele e, inversamente, organizam-no de acordo com a interpretação que fazem dele.

Quando se pensa na região do Pampa gaúcho, vem a imagem dos campos com leves ondulações cujo alcance visual dista até a linha do horizonte. As planícies e coxilhas, o poncho, o trançado do couro para os arreios dos cavalos e a chaleira de ferro para a roda de mate são representações de identidade da cultura da pecuária e das estâncias do Pampa. Elas são parte intrínseca da cultura do gaúcho que busca preservar seus hábitos e seus saberes. As paisagens do Pampa e da lida do campo, constam na literatura de Érico Veríssimo e nas artes plásticas de Glauco Rodrigues (figuras 3 e 4), e permanecem vivas no imaginário popular.

Figura 3 – Aquarela “O Tempo e o Vento” de Glauco Rodrigues, 1985



Fonte: Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)

Figura 4 – Aquarela “O Tempo e o Vento” de Glauco Rodrigues, 1985



Fonte: Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)

No entanto, a vitivinicultura é um território ainda em expansão na Campanha. Por ser relativamente novo, sua paisagem ainda não é amplamente conhecida. Ainda existem muitas pessoas que não sabem da produção de uva e vinho na Campanha e ainda pensam na paisagem da região a partir da figura do gaúcho a cavalo na lida da pecuária. Aos poucos essa realidade está mudando, e, nesse sentido, o Enoturismo, como veremos a seguir, tem um papel fundamental: o da promoção e difusão desses novos territórios. É importante mencionar também que a vitivinicultura, na região, faz uso das clássicas paisagens da Campanha para constituir a sua própria narrativa e sua própria singularidade para diferenciá-la de outros territórios vitícolas. Por isso, a

paisagem da região da Campanha vem sendo redesenhada ganhando muitos elementos que distam da racionalidade rentista do estancieiro do século XIX. A realidade agrária atual é a do capitalismo e da produtividade e, sob esta perspectiva, um dos últimos trabalhos de Glauco Rodrigues foi justamente uma crítica à urbanização da paisagem da Campanha, segundo é possível observar na figura 5.

Figura 5 – Pintura “Tradição, passado e futuro”, de Glauco Rodrigues, 1997



Fonte: Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)

A sensação de vastidão expressa pelos campos da Campanha se relaciona intimamente com a forma de vida de seus moradores. Presença e ausência são conceitos que se confundem ou se intercalam de acordo com o ponto de vista, razão pela qual se torna difícil compreender esta região. A sensação de ausência promovida pela volumetria superlativa dos elementos da paisagem, como a visão do céu aberto ou dos vastos campos planos que correm à linha do horizonte se desfaz quando se nota a presença da pecuária extensiva, tanto pelo gado solto no campo quanto pelas construções para manejo do rebanho. Por outro lado, observar grandes porções de terra usadas para apenas um tipo de cultivo ou por apenas poucas pessoas provoca questionamentos sobre a ausência da agricultura familiar e suas variadas dinâmicas de produção de alimentos.

As paisagens do Pampa passaram a compartilhar o espaço com outras paisagens de outros territórios que ainda não foram totalmente descobertos por grande parte dos moradores dos centros urbanos. A paisagem vitivinícola, apesar de pronunciada na Campanha e Fronteira Oeste, ainda não faz parte do imaginário de

quem não mora na região. Isso acontece porque o grande território do vinho do Rio Grande do Sul é a Serra Gaúcha. Quem visita Santana do Livramento, no entanto, já percebe suas novas paisagens e a presença da vitivinicultura no município.

3.4 A vitivinicultura

A colonização italiana foi a responsável pela disseminação dos territórios do vinho e da uva no Rio Grande do Sul e no Brasil. As famílias de imigrantes desembarcaram no Brasil sem uma compreensão clara do que enfrentariam para poder se estabelecer – da disputa por terra com os habitantes nativos até dificuldades para desenvolver suas atividades nas áreas de declive da Serra, os desafios foram muitos. Nos dizeres de Saquet (2002, p. 5-6),

No início do século XIX, o Norte do Rio Grande do Sul e a encosta do planalto rio-grandense ainda não estavam ocupados efetivamente. Para tanto, o governo brasileiro trouxe os colonizadores alemães a partir de 1824. Eles produziram várias cidades como Novo Hamburgo, São Leopoldo, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul. Posteriormente, foi promovida a colonização de parte do território gaúcho pelos imigrantes italianos, que também contribuíram no processo de formação territorial do Rio Grande do Sul. A colonização com imigrantes europeus e seus descendentes deu forma e conteúdo a um novo processo no movimento de diferenciação territorial no Rio Grande do Sul.

Quando chegaram, portavam consigo esperança de uma nova vida e, também, castas de uvas para o cultivo. Se é verdade que alguns tipos de cultivares não vingaram, foi no desejo de preservar sua identidade, manifestado em seus saberes, que essas comunidades persistiam até desenvolver, com anos de trabalho e esforço, o território da uva e do vinho na Serra Gaúcha. Os parreirais da região são paisagens que expressam a força de vida, trabalho e identidade de uma comunidade.

A região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul teve contato com a viticultura ainda à época das Missões com os padres Jesuítas. Entretanto, o projeto de vulto se deu a partir da década de 1970, na fronteira com o Uruguai, quando a estadunidense *National Distillers* iniciou produção vitivinícola em Santana do Livramento com a Almadén. Já naquela época, um estudo, realizado em parceria entre a californiana Universidade de Davis, a Universidade Federal de Pelotas e a Secretaria de Agricultura do RS, apontou que o Sudoeste e o Sudeste do estado do Rio Grande do Sul possuíam excelentes condições edafoclimáticas para o cultivo de castas de uva europeias. Os produtores da Serra Gaúcha também se interessaram

na região porque perceberam o enorme potencial para a expansão de seus negócios vitícolas. Para Chelotti (2012, p. 76), o início do processo aconteceu quando: “muitas empresas da Serra gaúcha compraram grandes extensões de terras para a implantação do cultivo de uvas, transformando a região no mais novo polo viticultor do país”. As atividades de cultivo de uva e produção de uva e vinho na Fronteira Oeste e Campanha não constituem, de início, um território em si. Para que haja um território, são necessárias as relações humanas, sociais e a ação do tempo,

desta maneira, mesmo o vinho não representando um elemento histórico da cultura da Campanha este vem sendo incorporado às territorialidades e identidades, com o papel de articular a cultura e a nova atividade econômica desempenhada regionalmente (MANFIO; MEDEIROS, 2015, p. 3920).

Hoje a vitivinicultura constitui parte cultural, econômica, social e política nas principais cidades da Campanha. São muitos os agricultores que cultivam uva na região, tanto para venda *in natura* quanto para vinificação própria. O churrasco de fogo de chão e o vinho são expressões culturais que se reforçam mutuamente quando combinados.

Logo, essas novas territorialidades têm profundas repercussões sociais. Conforme Cargnin (2014, p. 69),

merece destaque a criação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), em 2008, com sede em Bagé e *campi* em oito municípios da Campanha e Fronteira Oeste [...] Embora inserindo-se dentro do processo de expansão das universidades públicas do Brasil, sua criação envolveu alguma mobilização dos atores regionais [...].

O anseio local por oportunidades de estudo encontrou eco em políticas educacionais da época que visavam a democratização do acesso ao ensino superior. Em 2011, em consonância com as novas atividades rurais da região, a UNIPAMPA abriu o curso de bacharelado em Enologia no campus de Dom Pedrito, município distante 92 km de Santana do Livramento. O curso objetiva atender à necessidade de capacitação diante da diversificação da matriz produtiva local, visando

a formação destacada do profissional desde a caracterização, produção, rastreabilidade, certificação de origem, empreendedorismo, marketing e comercialização dos produtos, sempre de forma autônoma e ambientalmente responsável. (UNIPAMPA, 2018)

Santana do Livramento foi palco do início da expansão vitivinicultora no Pampa. Após a Almadén/Miolo, outras empresas também se instalaram na região. A Salton, a Cordilheira de Santana e a Cooperativa Nova Aliança/Santa Colina são responsáveis pela maioria das áreas cultivadas. Essas novas possibilidades garantem diversificação da produção rural e provocam concorrência espacial com a silvicultura, a soja, o arroz e a pecuária.

Tabela 1: Principais usos de terra em Santana do Livramento, 2017

LAVOURAS	HECTARES
Permanentes * ¹	1.362
Temporárias ** ²	53.011
Outros	35
PASTAGENS	
Naturais	524.609
Plantadas	37.223
MATAS OU FLORESTAS	
Naturais	1.981
Naturais destinadas à preservação	28.011
Plantadas	3.581
SISTEMAS	
AGROFLORESTAIS	10.447

Fonte: Autor, adaptado de IBGE Cidades Censo Agropecuário 2017 (2020)

Para os territórios do vinho, as áreas de cultivo de Santana do Livramento são consideradas superlativas (as maiores) quando colocadas em comparação com as demais localidades. Entretanto, comparando-se com a área de pastagem, a área de cultivo de uva torna-se muito pequena. Concentrada na Ferradura dos Vinhedos, entre as localidades de Vila Palomas e Passo dos Guedes, a paisagem da vitivinicultura é

¹ *Abacate, ameixa, amora, azeitona, banana, caqui, figo, fruta-do-conde, goiaba, laranja, lima, limão, louro, maçã, manga, mamão, maracujá, nectarina, noz, pera, pêssego, pimenta-do-reino, pitanga, tangerina, uva;

² **Abóbora, alho, amendoim, arroz, aveia branca, batata inglesa, cana-de-açúcar, cebola, ervilha, feijão, malva, mandioca, melancia, melão, milho, soja, sorgo.

mais pronunciada compartilhando o espaço com a pecuária. Entretanto, a pecuária ainda ocupa maior espaço, sendo uma atividade cuja difusão e promoção é feita segmentada e de interesse para o setor agropecuário. Não existe, nas atividades das estâncias de pecuária, uma promoção como no enoturismo.

Tabela 2: Área das principais lavouras em Santana do Livramento, 2017

S. LIVRAMENTO	
LAVOURAS	Área (Hectares)
Permanentes ^{***3}	
Uva	878
Temporárias ^{***}	
Arroz	10.744
Milho	1.582
Soja	43.911

Fonte: Autor, adaptado de IBGE Cidades Censo Agropecuário, 2017 (2020)

A inscrição de novos territórios se manifesta através de um mosaico na paisagem rural de Livramento. Segundo Chelotti (2010, p. 195),

A campanha Gaúcha, por várias décadas, constitui-se o principal território da pecuária de corte do estado do Rio Grande do Sul, principalmente, por ser uma expansão do bioma pampa em território brasileiro. A paisagem formada por campos naturais, estâncias e modo de vida do gaúcho assegurou a essa região fronteira uma identidade singular em relação às demais regiões brasileiras.

A identidade do Gaúcho dos Pampas se relaciona com as territorialidades da uva e do vinho na Campanha, possibilitando um renascimento identitário que nada tem de novo. Os vizinhos uruguaios, “compatriotas pampeanos”, da fronteira da amizade, há anos já haviam promovido o encontro do vinho e do Pampa, seja na região de Canelones ou no norte do país. A paisagem da pecuária extensiva e a paisagem dos vinhedos constitui um entrelaçamento que instiga a conhecer mais profundamente sobre quais são e como se dão os laços sociais que se estabelecem nessa união. Para isso, uma alternativa identificada é que, a partir da singularidade

³ *** Utilizados dados das principais lavouras de maior uso de área de cultura.

da paisagem da uva e do vinho nos planos campos do Pampa, surge a alternativa de enoturismo. Mas, para além disso, é importante compreender como esses laços podem repercutir para o bem-estar da comunidade local.

3.5 O enoturismo e o desenvolvimento local

O conceito de desenvolvimento não é um constructo homogêneo e seu surgimento tem início nos estudos sobre o período pós-industrial, e determinadas áreas industrializadas não acompanhavam os mesmos ritmos de crescimento de outras na Europa. A partir desse comportamento social, o entendimento sobre desenvolvimento transcende o mero sentido de crescimento econômico e passa a abranger outros aspectos fundamentais de vida dos indivíduos e sociedades. Partindo de uma visão histórica, o desenvolvimento local se aprofunda em questões de desigualdades sociais. A complexidade das relações contemporâneas exige dos pesquisadores, um olhar simultâneo para questões internas e externas dos variados territórios coexistentes. Deve-se compreender esses aspectos territoriais como interligados, em rede, desde uma perspectiva sistêmica.

Essa perspectiva é importante para trazer à luz o conceito do Local e compreender seu alcance e suas relações. Se, por um lado, a globalização põe em risco a singularidade de uma região, por outro, emerge um movimento de resistência, que busca valorizar o local, fortalecendo-o e propiciando seu próprio desenvolvimento. De acordo com Buarque (2008, p. 25),

O desenvolvimento local é um *processo endógeno* de mudanças, que leva ao *dinamismo econômico* e a *melhoria de qualidade de vida* da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as *potencialidades locais*, contribuindo para *eleva as oportunidades sociais* e a *viabilidade competitiva da economia local*.

As potencialidades locais nascem de um conjunto que engloba a cultura e o meio ambiente de um determinado lugar. Aproveitando seus saberes e conhecimentos técnicos, grupos sociais dinamizam a economia local, possibilitando geração de renda. Ao privilegiarem relações econômicas entre si, grupos sociais fortalecem sua localidade e atuam de forma endógena no tocante ao seu próprio desenvolvimento. Furtado (2013) apresenta uma bifurcação ao abordar o desenvolvimento. Para ele, existem dois entendimentos:

O primeiro diz respeito à evolução de um sistema social de produção na medida em que este, mediante a acumulação e progresso das técnicas, torna-se mais eficaz, ou seja, eleva a produtividade do conjunto de sua força de trabalho (2013, p. 210)

Nesse sentido, desenvolvimento é o respaldo sob o qual se desenvolveram programas governamentais de investimento em parques e polos industriais. Essa racionalidade costuma medir desenvolvimento de acordo com o crescimento econômico e os indicadores financeiros. Pretende-se que o bem-estar social advinha do emprego gerado pela iniciativa privada. O autor discorre sobre o outro sentido para desenvolvimento, ao afirmar que ele “relaciona-se com o grau de satisfação das necessidades humanas” (Idem, 2013, p. 211). Nesse caso, o desenvolvimento torna-se mais complexo de ser abordado, mas provoca resultados mais eficientes quando observados os grupos sociais que compõem um local e quais de suas necessidades devem ser endereçadas. É comum a racionalidade neoliberal rechaçar essa abordagem, especialmente no tangente à responsabilidade do Estado. Entretanto, do ponto de vista do bem-estar social e da qualidade de vida, o modelo neoliberal não se apresenta como experiência bem-sucedida. Ainda que possa haver debates sobre a função social de uma empresa privada, é indiscutível que seu objetivo é auferir lucro para seus investidores. Logo, essas territorialidades desatam dinâmicas de desigualdade social. Buscando entender desenvolvimento, o autor ainda complementa que o conceito

pode ser abordado a partir de três critérios, que se relacionam de forma complexa: o do incremento da eficiência do sistema produtivo; o da satisfação das necessidades básicas da população; e o da consecução de objetivos a que se propõem distintos grupos de uma sociedade e que competem na utilização de recursos escassos. O terceiro critério é certamente o mais difícil de precisar, pois o que é bem-estar para um grupo social pode parecer simples desperdício de recursos para outro. Esta é a razão pela qual a *concepção de desenvolvimento* de uma sociedade não é independente de sua estrutura social, e tampouco a formulação de uma política de desenvolvimento é concebível sem uma tutela de poder. (Ibidem, 2013, p. 211)

Para que o desenvolvimento atenda às necessidades humanas, a práxis de projeto do Estado precisa ser revista e endereçada de acordo com a realidade e a especificidade de uma determinada localidade. Busca-se então compreender o desenvolvimento como um fenômeno que possibilite aos atores de uma localidade

autonomia e capacidade de ação e de decisão. Sobre isso, Buarque (1999, p. 9) corrobora que, para ser um processo consistente e sustentável, o desenvolvimento deve elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando a renda e as formas de riqueza, ao mesmo tempo em que assegura a conservação dos recursos naturais. As oportunidades devem ser equânimes a fim de que não sejam reproduzidas, nos âmbitos político e econômico, os mesmos preconceitos que certos grupos sociais sofrem, como no caso da agricultura familiar e dos assentamentos. Esses preconceitos de nada servem ao projeto de desenvolvimento de um local. Isso se torna ainda mais complexo em um mundo globalizado, visto que as rachaduras internas entre grupos sociais fortalecem a intervenção externa de outros grupos e de outras escalas, afetando a própria autonomia e os processos de tomada de decisão do Local. Essa perspectiva global também coloca o local em uma situação de urgência em estabelecer vantagem competitiva. Mais além das instituições formais de poder, é preciso que haja diálogo entre atores para garantir uma convivência com o local e o global de forma que seja possível incrementar a qualidade de vida dessa população. Sobre isso, Buarque (1999, p. 10), aponta que:

Mesmo quando decisões externas – de ordem política ou econômica – tenham um papel decisivo na reestruturação sócio-econômica do município ou localidade, o desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas dos atores locais em torno de um projeto coletivo. Do contrário, o mais provável é que as mudanças geradas desde o exterior não se traduzam em efetivo desenvolvimento e não sejam internalizadas na estrutura social, econômica e cultural local ou municipal, desencadeando a elevação das oportunidades, o dinamismo econômico e aumento da qualidade de vida de forma sustentável.

A forma de mobilização entre atores se dá no exercício de suas territorialidades. A integração e a mobilização social são fundamentais para garantir um sentido de autonomia local. Esperar que apenas o investimento externo privado se instale e use os recursos humanos e materiais de uma região não é o suficiente para o desenvolvimento da qualidade de vida desses indivíduos. Ao buscar o seu fortalecimento cultural, econômico e social, o local estabelece sua posição de resistência à globalização. Nesse sentido, pode-se perceber um papel de antagonismo à prática dominante. Não se trata de uma região negar a globalização, mas de procurar manter ou recuperar sua autonomia em seus territórios. Além disso, é importante manter-se claro que as relações comerciais e as demandas de mercado

interferem nas distintas regiões. A vitivinicultura, por exemplo, é a inserção do global no local através da demanda de mercado. Então se, por um lado, há uma busca por fortalecer-se localmente, por outro, as relações comerciais estão estabelecidas com diferentes territórios. O desenvolvimento de um local se estabelece como expressão identitária que valoriza elementos de um território. Isso significa que o território não é mais visto como um suporte passivo, mas como um agente ativo que é capaz de estimular seu próprio desenvolvimento (AZEVEDO, 2003, p. 101). Da interação social com o meio natural, emerge um tráfego de recursos culturais, informacionais, intelectuais, financeiros, tecnológicos e de produtos, em uma relação de cooperação e competição. O projeto de desenvolvimento emana do local e pelo local, pelos aspectos culturais que compõem determinada sociedade. Se as vantagens competitivas são criadas e construídas com investimentos e aproveitamento das potencialidades e diversidades de cada localidade, os atores sociais têm uma responsabilidade fundamental para a promoção do desenvolvimento local (BUARQUE, 1999).

Os atores devem ter uma relação de igualdade para que as relações de cooperação e negociação se deem de forma plena. O papel do Estado se apresenta como de fundamental importância para evitar que as relações entre atores não venham a ser predatórias ou profundamente desiguais. Sobre esse aspecto, Buarque (1999, p. 15) afirma que “como expressão da vontade dominante entre os atores sociais, o setor público deve aumentar sua importância no desenvolvimento local, ao contrário das proposições em favor da retirada do Estado da área econômica”. Caso o poder público abdique de seu papel na implementação de políticas públicas para a formação de grupos de atividades produtivas, corre-se o risco de manter, à margem, os habitantes de certa localidade que poderiam, inclusos em um programa, efetivar toda a capacidade do potencial local. Projetos assim nascem pela metade, incentivam a desigualdade e atacam justamente o que seu escopo diz defender: o desenvolvimento local.

Lançando mão de uma conotação metafórica, podemos pensar no Estado como um viticultor para explicar a importância de não excluir atores sociais quando da implementação de planos de desenvolvimento. Está nas mãos do agricultor cuidar do ciclo de vida da videira e fazer o manejo adequado dos seus ramos. É seu dever fazer com que a videira passe do ciclo vegetativo para sua fase de brotação de forma equilibrada; o seu saber-fazer é o que permite a perpetuação da atividade.

Metaforicamente, podemos pensar no poder público como sendo o agricultor, e o vinhedo, territórios a serem arrançados. Com o mesmo cuidado que o agricultor tem no manejo dos ramos das videiras, o Estado deve cuidar para que o maior número possível de atores sociais tenha oportunidades equânimes conforme suas especificidades, para fazer abrolhar suas atividades e seus saberes e realizar seu potencial social, econômico e político. Qualquer sistema de arranjos produtivos que parta da premissa da exclusão tende, no longo prazo, a não se sustentar. Seria como um parreiral onde apenas alguns poucos ramos frutificassem grandes cachos de uvas. Nesse caso, não haveria produção de vinho. Nem de vida.

A possibilidade de ativar seus potenciais internos, trabalhando de forma endógena, passa pela compreensão, por parte dos grupos sociais, sobre a realidade de territórios que ocupam e que compartilham. Ao considerar a identidade territorial, deve-se levar em conta: (i) coerência interna de cada lugar; (ii) processo histórico; e (iii) tensão teleológica, remetendo às projeções futuras (DEMATTEIS; GOVERNA, 2003 *apud* SAQUET, 2007, p. 71-72). A endogeneidade significa cultura e conhecimentos particulares de uma comunidade, e são esses aspectos que determinam a lógica das interações entre atores. Apreender essas circunstâncias pode ajudar a compor a reflexão sobre quais rumos uma comunidade quer tomar. Não existe fórmula pronta, nem rápida, de desenvolvimento local, mas existe sim um entendimento de que são os saberes e a cultura locais que devem ser utilizados como vetores iniciais de um projeto de desenvolvimento.

Um fenômeno que se utiliza dos processos históricos e elementos culturais característicos de um determinado lugar, para se manifestar, em diferentes relações socioeconômicas, é o turismo. O turismo é uma atividade que toca setores sociais dos mais diversos: da construção civil aos saberes de uma determinada comunidade, passando até mesmo por questões da preservação ambiental de uma localidade ou por questões de demanda e fornecimento de água e saneamento, conforme demandas turísticas específicas. Essa característica multidisciplinar, que cruza por distintos setores sociais e econômicos, fornece à atividade turística um potencial relevante para ativar suas relações endógenas e promover desenvolvimento local. É com o panorama do fenômeno do turismo da uva e do vinho que esta pesquisa busca sua concepção de desenvolvimento local. Cabe aprofundar-se nos conceitos de enoturismo para entender de que forma ele se presta às questões de desenvolvimento local.

O Enoturismo é uma tipologia de turismo que atende a uma demanda específica. Turismo, entretanto, é um fenômeno que pode ser investigado e compreendido sob diversas óticas. Segundo Cruz (2003, p. 4), a

Organização Mundial do Turismo (OMT) define turismo como uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino; esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remuneração direta.

Independentemente de sua motivação, o Turismo se apropria de territórios e de paisagens transformando dinâmicas sociais específicas em cada localidade. Planejar e organizar um destino turístico é uma tarefa complexa visto que requer endereçar assuntos culturais, sociais, identitários, patrimoniais e econômicos a sua sinergia entre os âmbitos público e privado. Os elementos necessários de infraestrutura indicam a complexidade desta prática: estradas, abastecimento de água, saneamento básico, rede elétrica, rede tecnológica-informacional, portos e aeroportos, rodoviárias, etc. Assim, a política pública para o turismo

é a espinha dorsal do “formular” (planejamento), do “pensar” (plano), do “fazer” (projetos e programas), do “executar” (preservação, conservação, utilização e resignificação dos patrimônios natural e cultural e sua sustentabilidade), do “reprogramar” (estratégia) e do “fomentar” (investimentos e vendas) o desenvolvimento turístico de um país ou de uma região. (BENI, 2001, p. 177)

Os desafios de governança são muitos, porque, do planejamento à execução, é necessário um diálogo transparente com os grupos sociais responsáveis pelos territórios e pelas paisagens de uma localidade. Nem sempre o entendimento sobre como explorar tal atividade é convergente e está alinhado entre esses grupos. Por isso, são imprescindíveis a atenção e o direcionamento do poder público para garantir uma exploração que se sustente a longo prazo, atenta às diferenças ambientais e culturais de cada localidade. Um plano de viabilidade turística precisa responder às questões contemporâneas que emergem sobre meio ambiente e sustentabilidade. Entretanto, é fundamental pensar a viabilidade social para “levar em conta os medos, desejos e necessidades da população local” (MURTA; GOODNEY, 2002, p. 16). O turismo é uma atividade que se enquadra no setor terciário, de serviços, e gera um alto fluxo de transações financeiras em todo o mundo atendendo variados nichos de

mercado. Por isso, cabe aprofundar a investigação sobre como a renda gerada pelo turismo pode ser bem distribuída e beneficiar uma determinada região.

Como atividade turística no espaço rural, o enoturismo pode ser compreendido como um híbrido entre turismo rural e cultural. Ele requer a atividade agrícola para que ocorra e, ao mesmo tempo, tem, na sua história, cultura e saberes, aspectos de interesse dos turistas. Sua cultura está impressa, principalmente, na sua própria atividade agrícola, que é um requisito fundamental para o turismo rural e, por essa comunhão de circunstâncias, a atividade se torna ainda mais atraente para os visitantes. A relação em que história e trabalho estão intimamente ligados apela às emoções do turista apreciador de vinho. Logo, o território da vitivinicultura no Pampa potencializa o desenvolvimento do turismo rural nesta região. Os parreirais inspiram contemplação, contato com a natureza e despertam os desejos de fruição, bem-estar e relaxamento de um turista. A paisagem de um vinhedo provoca os sentidos não somente pela estética, mas pelas associações que remetem ao prazer de beber um vinho e à congregação social que anima o espírito. Segundo Valduga (2007, pg. 16), enoturismo pode ser entendido como

(...) um segmento do fenômeno turístico, que pressupõe deslocamento de pessoas motivadas pelas propriedades organolépticas e por todo o contexto da degustação e elaboração de vinhos, bem como a apreciação das tradições, da cultura, gastronomia, das paisagens e tipicidades das regiões produtoras de uvas e vinhos. É um fenômeno dotado de subjetividade, cuja principal substância é o encontro com quem produz uvas e vinhos.

O enoturismo é a possibilidade de o produtor contar e preservar sua história através do fruto do seu trabalho, o vinho. O turista tem interesse em conhecer novas paisagens e novas culturas através da degustação do vinho produzido no local. A conversa com o produtor, a peculiaridade do vinhedo, o sabor da uva colhida do pé e o acompanhamento do processo de vinificação estão sempre expressos no vinho (LUCKI, 2013). A cada vinhedo visitado e vinho degustado, o turista se encontra com distintas histórias de trabalho e vida. O contato direto com quem produz é fundamental para tornar a experiência turística mais rica e genuína.

Ao receber o turista, o viticultor pode variar sua forma de rendas através da venda do vinho, de suco e geleias, do ingresso para a visita guiada aos parreirais, mas também da revenda de seus produtos ao comércio local. Para que a oferta global dos produtos turísticos se apresente em nível excelente, uma estruturação e uma

hierarquização são fundamentais, isto é, ao redor de um produto turístico principal se encontram produtos periféricos, sem os quais resultaria impossível estruturar uma experiência, pois eles se caracterizam como infraestruturais (VALLS, 2005 *apud* VALDUGA; MINASSE, 2018). O vinho é alimento para quem consome e para quem o produz. Sobre a importância do enoturismo, Valduga e Minasse (2018), em sua homepage, ainda agregam que:

vitivinicultores e suas regiões compreenderam que se trata de uma atividade fundamental no processo de consolidação das marcas, de valorização do *terroir*, além de ser um importante vetor de desenvolvimento e de implementação de inovações nos chamados territórios do vinho.

A instituição do *terroir* objetiva a diferenciação de produto. Observando a história dos territórios vitivinícolas, percebemos que o *terroir* surge com a instituição de um território e posteriormente com instrumentos jurídicos, como seriam as Indicações Geográficas (IG). O *terroir* é um espaço de natureza física, mas também social, uma vez que nele são projetadas as formas jurídica, econômica e cultural das sociedades (MABY, 2007).

O *terroir* vitivinícola é a combinação entre as características edafoclimáticas apropriadas para a atividade e o conhecimento de um indivíduo ou grupo, cultivado de geração em geração, preservando sua cultura e sua sensibilidade. As características edafoclimáticas são os fatores físicos do meio ambiente que sinergicamente propiciam um ambiente ideal para determinado tipo de cultivo, são elas: solo, vento, humidade, precipitação pluvial, radiação e exposição solar, etc. Essas características, por si, não constituem um *terroir*. O alcance espacial que um *terroir* tem é o mesmo alcance que têm os saberes de uma comunidade em um determinado espaço geográfico. Ele se expande tanto quanto esses dois elementos em combinação. Para Maby (2007), a identidade do vinho deve mais a essas formas abstratas do que aos determinismos físicos dos *terroirs*. Nesse sentido, percebemos semelhanças com o próprio conceito de território, o que propicia que essas ideias se confundam. Como revisamos anteriormente, o território transcende a noção de limites físicos e se apresenta conforme a capacidade de humanização do espaço geográfico.

Outro elemento importante para o desenvolvimento do enoturismo são as paisagens. No caso da Campanha gaúcha, percebe-se que um fator de diferenciação, comparado a outras regiões enoturísticas, é a paisagem do Pampa ligada às paisagens dos vinhedos. Estas paisagens se encaixam em perfeição na composição

de um atrativo turístico. A atividade turística se beneficia da beleza cênica e, mesmo que esta não promova uma verdadeira imersão nas dinâmicas da natureza, tem a capacidade de sensibilizar os visitantes. É a paisagem vivida e sentida que permanece em sua memória ao final de uma viagem. Cada pessoa tem um tempo próprio para elaborar suas percepções. É possível que, no retorno à casa, de volta a uma rotina mais previsível, o indivíduo consiga conectar ideias e realizar comparações entre sua vida e sua experiência de viagem. A paisagem é um atrativo para o desenvolvimento do turismo. Para quem é apreciador de vinho, a paisagem vitivinícola tem um significado especial. Com um simples vislumbre, a paisagem provoca processos cognitivos que acionam emoções e memórias táteis, olfativas, auditivas ou gustativas. O contato com a paisagem da uva e do vinho remete a lembranças afetivas tocando a alma de seu espectador e, por isso, se apresenta uma atração de interesse para turistas.

O turismo é benéfico pela oportunidade na diversificação e incremento de renda que traz para os produtores de vinho. Cabe, entretanto, conhecer a realidade das áreas rurais de Santana do Livramento para trazer à luz questões específicas da realidade local. É preciso que os arranjos da vitivinicultura e do enoturismo incluam um amplo e democrático diálogo entre esferas privadas e públicas. É na inclusão de todos os atores sociais que se entende que a atividade turística possa prosperar, oportunizando a valorização do local e, com isso, seu desenvolvimento socioeconômico.

4 A EXPERIÊNCIA ENOTURÍSTICA EM SANTANA DO LIVRAMENTO: TRAJETÓRIA DOS ATORES SOCIAIS

O turismo não é uma atividade inédita em Santana do Livramento. A novidade vem com as novas territorialidades que se estabelecem e animam o espírito e a economia da comunidade. A cidade situa-se em uma área de fronteira seca, vizinha da cidade de Rivera, no Uruguai. Palco histórico de batalhas da Guerra Cisplatina e da Guerra dos Farrapos, sua ocupação reflete as mesmas dinâmicas históricas da Campanha, sendo território de nativos e imigrantes.

Desde a instituição dos *free-shops* na cidade de Rivera, o comércio Santanense sofre com a concorrência vizinha que oferece produtos de qualidade com preços livres de impostos. A prática turística que se desenvolveu à raiz dessa realidade foi a de compras. Moradores de outros centros urbanos viajam a Santana do Livramento em busca de eletrônicos, bebidas e produtos similares, seja para seu consumo próprio, seja para revenda. Diante disso, é verdade que os hotéis e restaurantes se beneficiam do movimento, entretanto, enquanto produto turístico, essa modalidade tem baixo valor agregado para a cidade e a comunidade em geral, especialmente em se tratando da área rural de Livramento. Em 2018, a Receita Federal do Brasil regulamentou o regime de lojas francas terrestres para o país. Será possível a venda de mercadorias sem a incidência de tributos como IPI, PIS/Cofins, impostos de importação e, em alguns casos, ICMS. Nestes locais, poderão ser comercializadas mercadorias nacionais ou estrangeiras, com isenção de impostos de importação (SERPRO, 2019). Com essa medida, a expectativa é aquecer a economia reforçando o turismo de compras, pelo qual a cidade já é conhecida. Por isso, com o surgimento de novos territórios agrários, Santana do Livramento vislumbra um novo panorama de um ciclo econômico.

Segundo Raffestin (1993, p. 161), “A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca, do consumo das coisas”. Quem movimenta esses processos são pessoas que conduzem ações de trocas afetivas ou econômicas e que reproduzem, em grupos, padrões de comportamento. Através da ação desses grupos, “cristalizam-se territorialidades e interesses predominantemente econômicos e/ou políticos e/ou culturais que dão certa forma e determinado conteúdo ao território e aos territórios.” (SAQUET, 2015, p. 128). A constituição de um território passa, obrigatoriamente, pela capacidade de ação e arbítrio de atores sociais em maior ou menor escala que

estabelecem relações de cooperação ou disputa no espaço geográfico. A interação social é a chave para entendermos os padrões sociais e a organização social (CHARON, p. 44). Organizar-se socialmente em grupos é reforçar os laços de um território porque é, também, o reforço de uma identidade comunitária. As relações e interações se inscrevem no campo das trocas. A interação social surge da reciprocidade entre pessoas e grupos. Os novos grupos que chegaram na região, grupos empresariais vitícolas, promovem, com suas novas territorialidades, dinâmicas produtivas distintas das quais a comunidade Santana do Livramento, está habituada.

Habitante de Livramento e profissional do ramo do turismo há mais de 20 anos, a Diretora da agência de receptivo Corticeiras acredita que a comunidade local se ajustou para receber a vitivinicultura. Segundo ela, “O Santanense foi se adequando com esta novidade socioeconômica do vinho, abrindo-se aos poucos à nova atividade”. Para a profissional, que há anos trabalha com enoturismo e se relaciona diretamente com os produtores agrícolas dos seus roteiros turísticos, existe uma sinergia positiva entre a consolidada atividade pecuária e a vitivinicultura.

Existe uma total relação entre as estâncias de pecuária e a produção de uva e de vinho. A própria Almadén era uma antiga estância de gado e ainda mantém edificações históricas no local [apesar de não estar aberta à visitação]. Para o turismo, esta relação é rentável pois cria-se um produto lucrativo e com alto valor agregado se comparado com outras regiões vitícolas. O Gaúcho, da lida do campo, da pecuária, é daqui, é da região. (Diretora/Corticeiras)

Conforme Charon (2004, p. 47), “os atores ajustam-se uns aos outros e, portanto, são afetados pelos atos uns dos outros. À medida que a interação se desdobra, os planos são alterados, as ações avaliadas, alteradas e alinhadas”. O aspecto de interdependência caracteriza a complexidade das relações dos atores sociais. Para Buarque (1999, p. 27),

Atores sociais são os grupos e segmentos sociais diferenciados na sociedade que constituem conjuntos relativamente homogêneos segundo sua posição na vida econômica e na vida sócio-cultural e que, por sua prática coletiva, constroem identidades e espaços de influência dos seus interesses e suas visões de mundo. Os atores sociais organizam-se e manifestam-se por intermédio de entidades, organizações, associações, lobbies e grupos de pressão política, expressando sempre interesses e visões de mundo diferenciadas segundo o corte temático ou espacial.

Esses grupos se diferenciam, uns dos outros, aos aproximarem-se por afinidade e semelhança. O sentido de pertencimento, entre membros de um grupo,

fortalece-os e permite que criem seus espaços de atuação, suas territorialidades. Os atores sociais são grupos que comungam de mesmos valores e crenças sobre aspectos ou econômicos, ou culturais ou sociais específicos. Atentando para o fato de que o Estado não constitui um ator social, Buarque (1999, p. 27) ressalta que sua atuação se dá

como a instância jurídico-política que sintetiza o jogo de interesses e poderes dos atores sociais, bem como representa o projeto e a vontade dominante na sociedade em um determinado momento. Ou seja, define-o como expressão de uma estrutura de poder na sociedade.

O Estado representa o poder do coletivo social, mas não tem relação de paridade com este. Na esfera social, os atores interagem em uma teórica relação de paridade. É importante destacar a palavra teórica porque o acesso a informações privilegiadas e a capacidade de interação na esfera política, que os grandes grupos econômicos possuem, os posicionam de forma privilegiada nas disputas espaciais. Conforme mencionado na sessão de metodologia, temos agrupados atores sociais relacionados ao espaço rural e atores sociais relacionados às ACTs. Sendo assim, identificar os atores inscritos no campo das ruralidades, cuja atividade é a vitivinicultura, é a base para aprofundar estes estudos acerca do desenvolvimento do turismo da região.

Os atores sociais ligados à atividade rural serão separados em três grupos. O primeiro são os grandes grupos empresariais. Nesse grupo, atuante em Santana do Livramento, temos a presença da Vinícola Almadén, que é parte integrante da Miolo Wine Group, com sede no Vale dos Vinhedos. Em Santana do Livramento, a empresa conta com 450 hectares, onde produz suco de uva, espumantes, frisantes Moscatel e cultiva Chardonnay, Cabernet Franc, Sauvignon Blanc, Shiraz, Pinotage, Tannat, Cabernet Sauvignon, Merlot e Riesling. O grupo está presente em outras regiões com a Vinícola Seival (Candiota/RS), Vinícola Miolo (Vale dos Vinhedos/RS), Vinícola Terranova (Vale do São Francisco/BA) e conta também com *joint ventures* internacionais (MIOLO, 2020). As territorialidades da Miolo Wine Group indicam os laços internacionais do território da Campanha Gaúcha. A Cooperativa Vinícola Nova Aliança é uma cooperativa que reúne as vinícolas Aliança e Cooperativa São Victor, de Caxias do Sul, e a Cooperativa Linha Jacinto, de Farroupilha, e em Santana do Livramento cultiva variedades como Tannat, Merlot, Pinot Noir, Cabernet Sauvignon e Chardonnay (NOVA ALIANÇA, 2020). A Cooperativa Nova Aliança possui um

vinhedo próprio de 40 hectares, situado a 20 km do centro de Santana do Livramento (SILVEIRA, 2018, p. 36). Sobre a Nova Aliança, diz-se que:

A empresa está localizada no município de Santana do Livramento, na zona rural, com um total de 50 hectares de área plantada. Santana do Livramento é a unidade da Campanha Gaúcha da Cooperativa Agroindustrial Nova Aliança, LTDA., tradicional Cooperativa vitivinícola da Serra gaúcha que, hoje, possui sua matriz na cidade de Flores da Cunha. A unidade conta com uma área total de mais e 400 hectares, entre área plantada e área industrial, além de 10 hectares de área plantada de oliveiras (e um projeto de extensão desse cultivo). Os vinhos aqui produzidos não são provenientes de uvas, unicamente, aqui dos nossos vinhedos [de Livramento]. Contamos com mais 9 associados (Santana do Livramento, 4; Quaraí, 1; Dom Pedrito, 1; Hulha Negra, 1 e Encruzilhada do Sul, 2) que, no ano de 2021, nos entregaram mais de 1 milhão de quilos de uva. No total da Cooperativa, são mais de 700 associados. (Enólogo/Nova Aliança)

Ao abordar a presença nos demais municípios e nas relações de compra de uva dos agricultores associados, o Enólogo fala das relações intermunicipais que se estabelecem e que tocam o tema de desenvolvimento local e regional. A associação em cooperativa demonstra a existência de fortes laços socioeconômicos que se estendem por toda a região dos vinhos da Campanha. Além disso, é importante entender sobre a absorção de mão de obra por parte da planta de Livramento.

Atualmente contamos com 26 funcionários fixos, entre colaboradores da área industrial e do campo. Durante a safra da uva a quantidade de colaboradores chega ao número de até 40, número variável dependendo da quantidade de uva que será produzida e/ou recebida na Unidade. Estas pessoas são moradas tanto da zona urbana quanto da zona rural. Em Santana do Livramento ocorre todo o processo de cultivo das uvas (desde o plantio de novas áreas, até a colheita) para posterior vinificação também na Unidade. Após as fermentações e demais processos que fazem parte da elaboração dos vinhos, o líquido é transportado para Flores da Cunha onde será engarrafado e comercializado para todo o país. (Enólogo/Nova Aliança)

Pelo tamanho da propriedade e por sua capilaridade nos demais municípios da região, percebe-se que ela absorve mão de obra local, seja por contratos diretos e fixos, ou pela compra de produção de uva. Já as etapas para engarrafar e comercializar absorve a mão de obra de outra localidade. Sobre questões de desenvolvimento local, o enólogo percebe o impacto social que a atividade oportuniza em Livramento.

Em Santana do Livramento hoje contamos com cinco vinícolas (Cooperativa Nova Aliança, Almadén/Miolo Wine Group, Família Salton, Cordilheira de Santana e Pueblo Pampeiro), além de diversos produtores de uvas que

forneem seus frutos tanto para as empresas do município quanto para vinícolas espalhadas Rio Grande do Sul e demais Estados. O impacto econômico é altamente positivo, pois além dos impostos que geram para o município anualmente, temos a necessidade de um número maior de colaboradores durante a época da colheita, gerando renda para mais pessoas e mais famílias. Quanto   educa o, a presença de Universidades como a UERGS e a Unipampa geram mão de obra para essas empresas e também se tornam campos de estudos para esses estudantes. A UERGS hoje conta com cursos de Desenvolvimento Rural e Agronomia. Cito a Unipampa por ser egresso da Universidade (apesar de não ter estudo em Livramento e, sim, em Dom Pedrito) e termos vários egressos do curso de Enologia trabalhando aqui no setor do município. (Enólogo/Nova Aliança)

A percep o, no caso da Vinícola Nova Aliança, de sua repercussão no desenvolvimento local parte da atividade raiz, da vitivinicultura em si:

Atualmente a unidade de Santana da Cooperativa Nova Aliança está fechada para o enoturismo. Não temos atividades pensadas para turistas (sem varejo, por exemplo). A Unidade hoje é pensada unicamente para as atividades industriais. Porém, há planos iniciais para o desenvolvimento de a oes que promovam o enoturismo local. (Enólogo/Nova Aliança)

A Família Salton é outro empreendimento que se encontra na localidade. Trata-se de um grupo empresarial com atividades na Serra Gaúcha, Serra do Sudeste e Campos de Cima da Serra. Na Campanha Gaúcha, cultiva as variedades Chardonnay e Pinot Noir em vinhedos próprios e também efetua a primeira etapa de vinifica o (SALTON, 2020) e, conforme Silveira (2018), a propriedade possui um vinhedo de 130 hectares.

Diferentemente dos demais projetos vitícolas instalados na cidade de Livramento, existem duas outras vinícolas de menor porte e cuja sede   o próprio município de Livramento, a Cordilheira de Santana e a Pueblo Pampeiro. Um dos proprietários da Pueblo Pampeiro descreve sua presença assim:

Somos uma sociedade entre um Engenheiro Agrônomo e um Enólogo. Estamos na região de Pampeiro, em Livramento e somos uma pequena vinícola, com 1 hectare cultivado. As famílias já vinificavam, mas há muito tempo atrás. Nossa mão-de-obra é totalmente familiar e, aqui na propriedade, realizamos todas as etapas do processo, planta o, cultivo, vinifica o e comercializa o. O maior desafio para a vitivinicultura é a comercializa o. Fazer vinhos não é o mais difícil. Vender o vinho no Brasil, ainda é bastante desafiador. (Coproprietário/Pueblo Pampeiro)

A Vinícola Cordilheira de Santana possui 46 hectares de área total, dos quais 25 são destinados ao cultivo de videiras (SILVEIRA, 2018). As principais castas cultivadas pela vinícola são Tannat, Merlot, Cabernet Sauvignon e Chardonnay

(CORDILHEIRA DE SANTANA, 2020). A atuação da vinícola Cordilheira de Santana é abordada por sua representante:

Estamos localizados na região da Campanha Gaúcha, em Palomas, um distrito de Livramento. Nossa propriedade tem um total de 46 hectares com 24 plantados. Nossa produção de vinhos tintos são: Tannat, Cabernet Sauvignon, Merlot e Touriga Nacional. Entre os vinhos brancos estão: Chardonnay e Gewürztraminer. Produzimos nossos vinhos somente com nossas uvas. Temos uma produção média de 6.000 quilos por hectare, usamos 34.000 quilos para nossa produção e vendemos o excedente. Todo processo é feito aqui localmente: colheita, vinificação, maturação por barris de carvalho, engarrafamos e rotulamos nossos vinhos. Além da produção de vinhos trabalhamos pelo desenvolvimento do turismo. Temos um espaço em nossa loja para que eles possam revender seus produtos e artesanatos. (Enóloga/Cordilheira de Santana)

Interessa-nos destacar, na fala da Enóloga, que todo o processo é realizado localmente, o que torna o uso de mão de obra potencialmente maior do que em propriedades onde parte do processo é realizado fora. Além disso, a vinícola mantém relações com os artesãos e os moradores no entorno da Ferradura dos Vinhedos, com espaço para que estes possam vender seus produtos. A Enóloga também explica sobre sua perspectiva quanto aos temas de desenvolvimento local.

Empregamos seis funcionários efetivos, alguns moradores do vilarejo e alguns são da cidade. Entretanto em época de poda e em época de safra, contrata-se muito mais pessoas. O impacto da vinícola no desenvolvimento local de livramento se dá com a geração de emprego e impostos. (Enóloga/Cordilheira de Santana)

Na saída de campo de 2019, foram realizados registros da vinícola, conforme as figuras 6 a 12.

Figura 6 – Placa da entrada da vinícola Cordilheira de Santana



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 7 – Vinhedos da vinícola Cordilheira de Santana



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 8 – Plátanos na entrada da vinícola Cordilheira de Santana



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 9 – Vista do Cerro Paloma desde os vinhedos da Cordilheira de Santana



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 10 – Paisagem da pecuária Vila Palomas



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 11 – Paisagem rural de Vila Palomas com vinhedo



Fonte: Imagens obtidas pelo autor trabalho de campo (2019)

Figura 12 – Paisagem rural circuito Ferradura dos Vinhedos



Fonte: Imagens obtidas pelo autor trabalho de campo (2019)

As paisagens vitícolas coexistem com as paisagens da pecuária extensiva e esta é uma característica típica da viticultura da Campanha. A atividade vitícola, percebida em Santana do Livramento, é berço destas novas territorialidades na região da Campanha, entretanto, existem outros municípios vizinhos que estão plantando, cultivando e vinificando. Os municípios de Bagé, Dom Pedrito e Candiota também possuem grandes áreas de cultivo de uvas para vinhos finos. Nesses municípios, identificaram-se as principais vinícolas que protagonizam este momento da viticultura da região da Campanha, conforme a tabela 3:

Tabela 3: Principais Vinícolas da Campanha Gaúcha

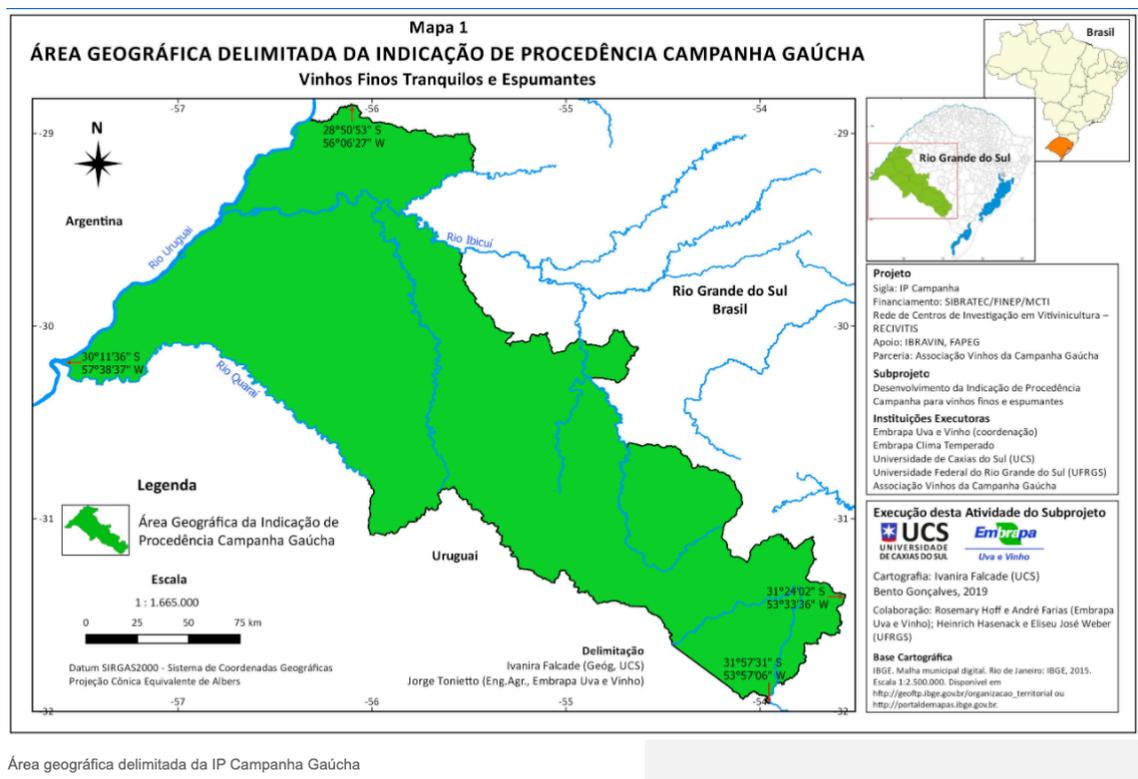
MUNICÍPIO	VINÍCOLA	CULTIVO (HA)
Bagé	Estância Paraizo	5
Bagé	Peruzzo Vinhas e Vinhos	16
Candiota	Batalha Vinhas e Vinhos	6,5
Candiota	Bueno Wines (Bella Vista)	*
Candiota	Seival Estate/Miolo	200
Dom Pedrito	Dunamis	*
Dom Pedrito	Guatambu Estância do Vinho	23
Dom Pedrito	Vinícola Vinhética	*
Dom Pedrito	Cerros de Gaya	*
Dom Pedrito	Dom Pedrito Vinhos e Espumantes (Rigo)	*

Itaqui	Campos de Cima	15
Rosário do Sul	Routhier e Darricarrère (Província de São Pedro)	6
Santana do Livramento	Cooperativa Vinícola Nova Aliança	50
Santana do Livramento	Família Salton	130
Santana do Livramento	Almadén / MIOLO	450
Santana do Livramento	Cordilheira de Santana	25
Santana do Livramento	Pueblo Pampeiro	1
Uruguiana	Bodega Sossego	5

Fonte: Autor

Essas vinícolas são os principais atores de cunho empresarial do ramo na localidade e, para garantir maior força, formaram uma instituição de classe para defender os interesses do setor empresarial, a Associação de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha (VINHOS DA CAMPANHA). A associação foi responsável pela solicitação, junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial, da sua Indicação Geográfica (IG). A IG foi concedida como indicação de procedência (I.P.) Campanha Gaúcha para vinhos finos brancos, rosados, tintos e espumantes (INPI, 2020). Este reconhecimento aporta significante relevância comercial para que os vinhos produzidos na região possam competir em mercados mais exigentes. No mapa da Embrapa identifica-se a área geográfica delimitada da IP da Campanha

Figura 13 – Mapa da Área geográfica da Indicação de Procedência Campanha Gaúcha



Fonte: EMBRAPA, 2020

A oficialização de região conhecida por seus vinhos estabelece condições para o desenvolvimento do Enoturismo. O enoturismo é uma imersão no mundo dos vinhos com um forte apelo relacionado aos prazeres do paladar. A partir da perspectiva gastronômica, identificam-se outras propriedades que estão inseridas no roteiro da Ferradura dos Vinhedos, as quais pertencem aos recentes produtores de azeites. A Casa Albornoz é uma propriedade de 120 hectares de oliveiras que produz e comercializa azeites, noz-pecã e mel (CASA ALBORNOZ, 2020). A fazenda entra na rota de interesse turístico e recebe visitantes que desejam conhecer não só sua produção e degustar os azeites, mas também conhecer a história de vida das proprietárias, uma mãe e suas três filhas. A fazenda OlivoPampa, distante 30 quilômetros do centro de Santana do Livramento, atua na olivicultura de mesa e de azeite, presta consultoria agrônômica para planejamento e gestão de olivais e produz os azeites extra-virgens Ouro de Santa'Ana. Recentemente, para diversificar suas atividades implementou um projeto de "olivoturismo" na propriedade e recebe visitantes, com agendamento prévio, interessados em conhecer a produção e o manejo, além de degustar seus azeites (OLIVOPAMPA, 2020).

Os outros atores sociais são os agricultores de pequeno e médio porte. Esse segmento, diferentemente do grupo anterior cuja natureza das atividades é empresarial e capitalista, tem no trabalho com a terra sua própria identidade, sua cultura e seus conhecimentos aplicados. Não se busca romantizar as relações que esses indivíduos têm com a terra, mas sim colocar em perspectiva como a sua atividade profissional está intrinsecamente ligada à sua própria forma de vida, diferentemente das relações urbanas e industriais que se relatam como distintas às dinâmicas de vida pessoal e de vida profissional. Com seus saberes, esse grupo de atores sociais garante a existência e a resistência de modos de vida heterogêneos. Entretanto, isso não os impede de desenvolver atividades empresariais. Dentro desse grupo de atores, destacam-se os agricultores que, em suas propriedades, dedicam-se ao policultivo e à pecuária leiteira para seu sustento e comercialização de excedente. Dentre os fruticultores, identificam-se os viticultores, tanto os que buscam diversificar sua própria produção quanto os que se dedicam exclusivamente a produzir uvas em vinhedos próprios e vender para as grandes empresas vinificadoras. Por fim, também estão os Assentamentos da Reforma Agrária. Conforme Aguiar (2011, p. 30), Santana do Livramento possui 31 projetos de assentamento (PAs), cerca de 1000 famílias assentadas sobre 26.257 hectares de terra. Existem projetos que investem

na produção de uva, mas caberá a investigação sobre a viabilidade comercial e logística, visto os desafios recorrentes que se percebem em outros assentamentos do Rio Grande do Sul.

Compreende-se que o Estado não constitui um ator social em si, mas sim a expressão de poder de todos os atores em conjunto. É interessante destacar, entretanto, as instituições que articulam e defendem esses atores mencionados anteriormente bem como os atores que não têm relação direta com a atividade rural, mas com as atividades de turismo de Santana do Livramento. Sendo assim, identifica-se a Associação dos produtores de Uva de Santana do Livramento (ASPROUVA), Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha, Emater, Embrapa Uva e Vinho, Sebrae, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do Livramento e Associação e Sindicato Rural de Santana do Livramento.

Por fim, as instâncias de Direito que representam o poder do povo, além de serem partes interessadas e, sobretudo, atuantes, nos territórios da uva e do turismo: a Prefeitura de Santana do Livramento, a Secretaria de Turismo e a Secretaria da Agricultura.

O outro grupo de atores sociais de interesse são os grupos relacionados ao turismo. Eles são categorizados de acordo com as ACTs que são, conforme o IBGE (2012, p. 10),

A classificação de uma atividade econômica como característica de turismo se faz a partir da identificação, em sua produção principal, de produtos classificados como característicos do turismo, isto é, produtos de potencial consumo dos visitantes. A OMT desenvolveu a Classificação Internacional Uniforme das Atividades Turísticas (Clasificación Internacional Uniforme de Actividades Turísticas - Ciuat) compatível com a terceira revisão da International Standard Industrial Classification - ISIC, elaborada pela ONU. A estrutura da classificação da OMT segue a ISIC para facilitar a comparação, entre países, das estatísticas de turismo. Do conjunto de atividades econômicas contidas na Ciuat, destacam-se as Atividades Características do Turismo, responsáveis pela produção de bens e serviços definidos como característicos do turismo

Segundo o IBGE (Idem, 2012, p. 11), as atividades características do turismo (ACTs) são hotéis e similares, segundas residências, restaurantes e similares, transportes ferroviários de passageiros, transporte rodoviário de passageiros,

transporte marítimo de passageiros, transporte aéreo de passageiros, atividades auxiliares de transporte de passageiros, agências de viagens e similares, aluguel de bens e equipamentos de transporte de passageiros, atividades culturais e atividades desportivas e outros serviços de lazer.

A cidade de Santana do Livramento, em termos de alojamento, conta com 2000 leitos (SEPLAN, 2019) em hotéis, hotéis fazenda e pousadas. Essa contabilização considera os meios de hospedagem formais, portanto exclui a modalidade de aluguel de casas por curto período, oportunizado por plataformas digitais como a *Airbnb*. Dentre os destaques dos meios de hospedagem local estão os seguintes hotéis identificados: Verde Plaza Hotel, Hotel Ermitage, Emirates Hotel e Suítes, Hotel Portal, Jandaia Turismo Hotel, Confort Fronteira Hotel, Hotel Comodoro, Hotel Palmeiras, Apart Hotel Recanto das Pedras, Hotel Castelo e a Fazenda Palomas. Esta última, além da hospedagem, oferece a experiência completa de turismo agropecuário rural.

O transporte de passageiros se dá por via terrestre. Sobre o modal aéreo, segundo o portal GAÚCHAZH (2019), a empresa de linhas aéreas Gol, em parceria com a companhia aérea TwoFlex, começaria a operar voos entre Porto Alegre e algumas cidades da Campanha, e, sendo Livramento uma delas, usaria as instalações aeroportuárias de Rivera. Entretanto, nem a cidade de Rivera nem a de Santana do Livramento constam nos sites das empresas Gol ou Twoflex. Segundo o site AIRWAY (2020), a Azul Linhas Aéreas comprou a empresa Twoflex. Diante desses movimentos de mercado, não se espera a modalidade aérea disponível em Santana do Livramento em um curto prazo. A empresa Azul já detinha uma grande fatia de mercado dos voos regionais, inclusive uma operação para Uruguaiana. Além disso, a Azul já possui vínculos com os vinhos da Campanha. A vinícola Campos de Cima realizou ações de marketing com a linha aérea em que os clientes que voavam de classe executiva nos voos internacionais eram recebidos com uma taça do espumante Rosé Campos de Cima.

Atualmente, a modalidade ferroviária está desativada para o transporte de passageiros. Em 2014, a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) autorizou uma operação do trem de passeio apenas a título de celebração de aniversário da estação de trens de Santana do Livramento em um trecho de 21 quilômetros entre a cidade e a vila Palomas (GOVERNO FEDERAL, 2014). Esse trecho ferroviário pertence ao antigo ramal que transportava passageiros entre

Livramento, Cacequi, Santa Maria e Porto Alegre. Existe um projeto de consórcio entre empresas para estabelecer uma operação contínua de modalidade turística do “Trem do Pampa”. Entre essas empresas, está a vinícola Almadén/Miolo que pretende implementar a sua iniciativa de enoturismo com esse projeto. Essas atividades, possíveis a partir das territorialidades da uva, do vinho e do turismo, repercutem de forma dinâmica em outras cidades da Campanha. A secretaria de Cultura de Bagé trouxe o empresário, Cléo Magalhães, responsável pelo trecho do “Trem do Pampa” de Santana do Livramento para uma conversa com empresários bajeenses a fim de iniciar as tratativas para conectar as rotas de Livramento e Bagé (JORNAL MINUANO, 2020). Nesse caso, o trem se posiciona em uma linha tênue entre as ACTs. Ele é um meio de transporte, mas sobretudo, ele é uma atração cultural.

A principal via de acesso e de transporte é rodoviária. Da capital do estado, Porto Alegre, até Santana do Livramento são 493 km no percurso via a estrada federal BR-290 até a BR-158, passando por Rosário do Sul até Livramento. A outra alternativa é pela estrada federal BR-290, a partir de Porto Alegre, tomando a BR-153 de Caçapava do Sul até Bagé, onde se toma a BR-293, passando por Dom Pedrito antes de chegar a Santana do Livramento, totalizando cerca de 532 km. Se realizada de automóvel, a viagem dura entre 6 horas e 30 minutos a 7 horas. A viação “Ouro e Prata” é a empresa de ônibus que faz o serviço Porto Alegre e Livramento e possui um tempo de viagem que gira em torno de 07 horas e 30 minutos a 08 horas e 30 minutos. Para Pelotas, a empresa de transportes é a Viação São João. E, de Santa Maria para Santana do Livramento, a empresa é a Planalto. Além dos visitantes que vêm com seu próprio veículo, é possível alugar um automóvel na cidade. Existem três locadoras em operação e ativas: a Localiza Hertz, a Unidas Aluguel de carros e a Autolocadora Rolim.

A demanda turística do município de Santana do Livramento se desenvolveu baseada no turismo de compras, isto é, de pouca duração. Os *free-shops* do município vizinho de Rivera oferecem produtos de qualidade com preços livres de impostos. Assim, a demanda turística de Santana do Livramento é percebida pelos profissionais da área de forma distinta, conforme o recepcionista de hotéis de Santana do Livramento,

Nós temos uma boa taxa de ocupação, principalmente na Páscoa, e nos finais de semana antes do Natal e Reveillon. Mas a gente percebe que existe um fluxo grande de turistas que não se hospedam. Eles chegam de manhã cedo

e partem à noite, após realizarem suas compras em Rivera. (Hoteleiro/Hotel Castelo)

A perspectiva da Diretora da agência de turismo receptivo observa que há oportunidade para atrair os turistas de compras para o enoturismo.

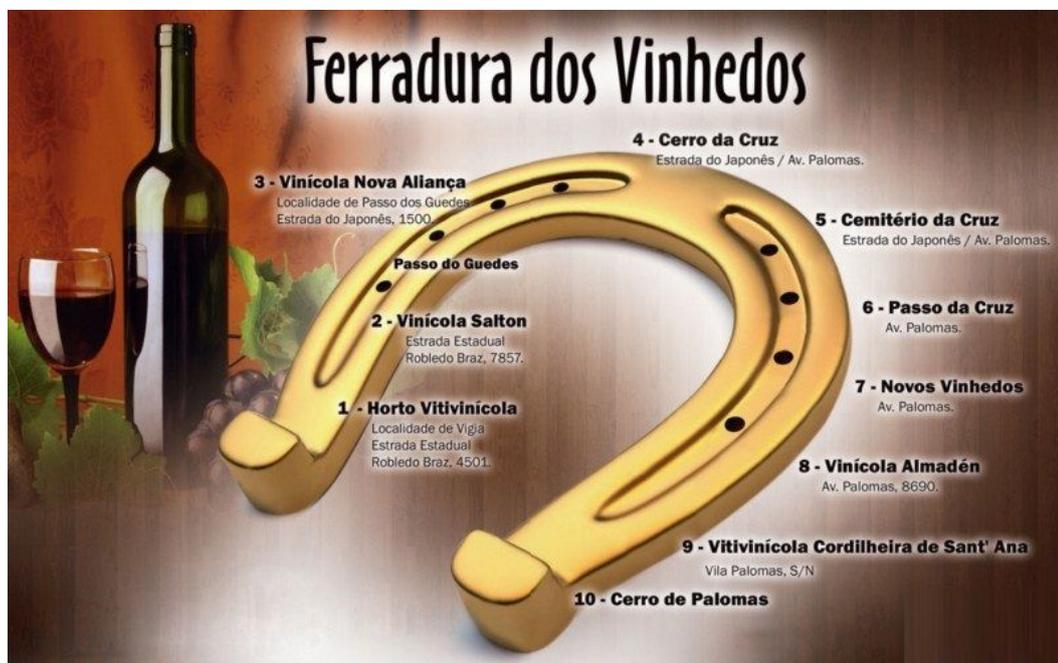
Percebemos uma diferença de interesses nos casais que vêm a Santana do Livramento para compras no *Free-shop*. Enquanto as mulheres passam o dia entre uma loja e outra, os maridos ficam ociosos. Trabalhamos no sentido de promover um roteiro que atenda ao casal e já criamos o pacote “Fique mais uma noite na fronteira”, assim estamos captando os grupos que vêm fazer compras para o enoturismo e ajudamos até na taxa de ocupação dos hotéis. (Diretora/Agência Corticeiras)

Para atender a essa demanda, os empresários locais adequaram suas ofertas de alimentação levando em conta o elemento tempo. Sendo assim, percebe-se uma presença massiva de restaurantes de comida rápida, seja buffet ou churrasco de espeto corrido, com uma alta variedade de produtos e baixo valor agregado. Eles se localizam nas principais vias de compras, próximos à Praça Internacional. Para a experiência com vinhos que remete a uma vivência mais calma do que a proposta dos restaurantes de autosserviço, faz-se necessário outro tipo de restaurante que certamente terá maior valor agregado. Na cidade, existem alguns restaurantes que atendem o público que deseja uma refeição mais calma e relaxada com cardápio e pratos individuais. Por sua vez, a Fazenda Palomas dispensa essa formalidade de um restaurante e realiza churrasco de fogo de chão unindo rusticidade e charme, em uma experiência que agrada aos turistas que buscam consumir história, cultura e prazeres da gastronomia local.

Com as novas territorialidades, Santana do Livramento oferece novas atrações turísticas através da diversificação de seus atrativos culturais e naturais. A rota Ferradura dos Vinhedos, representada pela figura 14 a seguir, é a iniciativa recente sob a qual circundam muitos dos programas de interesse turístico na cidade. A criação desse roteiro nasceu a partir do trabalho da UNIPAMPA, confirmando os laços que unem meio acadêmico e sociedade e que afetam a vida de uma localidade. O Projeto Rota Turística da Ferradura dos Vinhedos, idealizado pelo professor Avelar Fortunato, objetivou impactar social e economicamente a comunidade em que a UNIPAMPA está inserida, seguindo o propósito da Instituição de contribuir com o desenvolvimento da metade sul do Rio Grande do Sul. Sendo assim, o projeto promove a realização de trabalho e produz renda (UNIPAMPA, 2018). A Ferradura

dos Vinhedos é um trajeto em forma de ferradura que conecta importantes pontos de interesse turístico. Entre as empresas vitícolas, estão as vinícolas Nova Aliança/Santa Colina, Salton, Almadén/Miolo e Cordilheira de Santana. Existem também pontos de atrações turísticas naturais como Cerro Palomas, Cerro da Cruz, Cemitério da Cruz que são verdadeiros cartões postais da paisagem local. Em parceria com artesãos da vila de Palomas, a loja da vinícola Cordilheira de Santana vende suas artes e trabalhos. A Ferradura dos Vinhedos é um marco que comprova o enraizamento dos territórios de uva e vinho na Campanha. O roteiro reúne alguns dos principais atrativos turísticos que valorizam a vocação rural local. Próximos da Ferradura dos Vinhedos, está também a Casa Albornoz, produtora de azeites que, em conjunto com a OlivoPampa, compõe uma diversidade para as experiências enogastronômicas locais.

Figura 14 – Mapa turístico “Ferradura dos Vinhedos” localizado na área rural da cidade de Santana do Livramento, RS.



Fonte: Secretaria de Turismo de Santana do Livramento (2020).

Existem novos projetos e novas atrações turísticas se avizinando à Ferradura dos Vinhedos. O parque de águas termais Amsterland atende bem aos visitantes, mas também tem uma vocação para atender a demanda por lazer da própria urbe de Santana do Livramento. É um empreendimento que vai na direção de usar o espaço rural para turismo. Confirma essa vocação de urbanização do empreendimento o fato de que está em construção um condomínio de casas com uma

temática cenográfica que remete a construções holandesas, com fachadas de construções estreitas e altas, fazendo referência à cidade de Amsterdam. Percebe-se que esse projeto se distancia da perspectiva de preservação cultural e paisagística, e demonstra estar a serviço do interesse imobiliário.

O Lago do Batuva, a zona de preservação ecológica do Parque do Ibirapuitã, o Cerro de Palomas, a Estância Cascata do macaco branco e o Parque Eólico Estância de Santa Clara são atrativos em que o visitante pode se conectar com as belezas das paisagens naturais do Pampa. Para adquirir lembranças e artesanatos, existem alguns artesãos cadastrados pela prefeitura, como é o caso da Associação Teares do Sul. Por fim, a cercania com o Uruguai torna o passeio turístico ainda mais rico em atrações. O destaque fica por conta da Bodega Cerro Chapéu (figuras 15 e 16), localizada na área rural de Rivera. Seu acesso se dá por uma estrada que cruza belas paisagens dos campos do Pampa, de onde se pode identificar, ao longe, o Cerro de Palomas.

Figura 15 – Entrada da Bodega Cerro Chapéu



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

Figura 16 – Vinícola Bodega Cerro Chapéu



Fonte: Imagens obtidas pelo autor em trabalho de campo (2019)

O espaço rural, em específico as paisagens dos vinhedos, são de fundamental importância para o desenvolvimento das atrações turísticas. A paisagem se torna o atrativo e parte dos produtos procurados pelos enoturistas. Um desafio a ser superado pelo setor é o conflito entre produtores de uva e vinho e os responsáveis por lavouras de monocultivo que, no manejo de suas lavouras, utilizam o herbicida 2,4-D, utilizado antes do plantio da soja, que afeta o cultivo de uva. Ocorre que, na sua aplicação, a deriva do produto tóxico atinge os vinhedos e interrompe o desenvolvimento das plantas e das uvas. O tema vem preocupando os produtores, e, em 2019, o governo do estado do Rio Grande do Sul foi chamado pelo Ministério Público a tomar ação, fosse para proibir a aplicação ou para melhorar a proposta e as regras de aplicação (CANAL RURAL, 2019). O governo do estado estabeleceu algumas normativas para regulamentar a aplicação do agrotóxico (EMATER, 2019). Entretanto o problema persistiu nos meses subsequentes, causando danos aos produtores de uva. A secretaria de Agricultura encaminhou 600 autos de infração ao Ministério Público de uso irregular do herbicida hormonal (RIO GRANDE DO SUL, 2020). Apesar da diminuição nos vinhedos, a deriva do 2,4-D causa prejuízos milionários e acentua tensão (ZERO HORA, 2021) no setor. Segundo o periódico, é “o terceiro ano consecutivo em que a deriva do herbicida 2,4-D causa estragos milionários em

vinhedos o que, somado à judicialização do caso, promoveu racha histórico entre os produtores gaúchos”. Eis um desafio a ser superado. Caso o uso do 2,4-D não cesse, corre-se o risco de desistência da atividade por parte dos viticultores para os quais os custos de produção são altos demais. E, com a diminuição da paisagem vitícola, certamente é menos provável o desenvolvimento do enoturismo na região e no município.

Não é só a lavoura de soja que ameaça o enoturismo. A pandemia global de COVID-19 também teve fortes consequências negativas para o setor turístico. O turismo é um dos setores da economia mais sensíveis às medidas de isolamento social à causa do COVID-19. Sem passageiros, hóspedes e visitantes, os empreendimentos turísticos sofrem financeiramente. A Organização das Nações Unidas (ONU) constata a redução de 60% a 80% dos turistas internacionais em decorrência da pandemia de COVID-19. Confiante na retomada das atividades, a Organização Mundial de Turismo (OMT *apud* ONU, 2020) diz que o turismo tem um papel único para promover e fazer avançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODSs, com o fim da pandemia do novo Corona vírus. Ainda segundo a OMT, o turismo é a prioridade na fase pós-pandemia, pois é um dos pilares da Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável. Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2020), cultura e turismo de natureza motivaram mais de 60% das viagens a lazer em 2019. O Ministério do Turismo constatou um aumento por buscas de viagem no país. Os dados também revelam que o perfil do atual turista tende a ser buscar viagens de deslocamento mais curto e em períodos mais próximos (BRASIL, 2020). Nesse sentido, Santana do Livramento continua vagando sob um cenário futuro dúbio, se o turismo regional é a aposta para a retomada das atividades após a pandemia, a questão de distâncias curtas será fundamental para a escolha dos turistas, desejosos por sair de casa e da situação de isolamento.

As agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas são outras ACTs de fundamental importância por promoverem a conexão desses atrativos com os turistas. As novas territorialidades turísticas de Santana do Livramento emergem em meio à época em que as transformações digitais interferem nas relações de consumo. Não se tem notícias de que Santana do Livramento esteja no portfólio de grandes operadores de turismo como opção de pacote. A cidade conta com duas agências de turismo receptivo, responsáveis por acolher, receber e agendar os passeios para os turistas. Estas são as agências Corticeiras e Fronteiras. Por outro

lado, é possível reservar hospedagem diretamente nos sites de autosserviço como *Booking* ou até mesmo na modalidade de aluguel por temporada, *Airbnb*. Entretanto, os ingressos e entradas para as atrações não podem ser adquiridos por esses canais, sendo o contato telefônico direto necessário para agendar visitas. Sobre a atuação da agência de turismo receptivo, tem-se a fala da diretora da agência Corticeiras:

A agência Corticeiras trabalha há mais de dez anos recebendo turistas e realizando *tours* em Livramento. A Corticeiras virou referência em receber visitantes para o Enoturismo. A partir de 2020, com a Pandemia de COVID-19, tivemos que começar a atender também o turismo emissivo para garantir renda. (Diretora/Agência Corticeiras).

Quando questionada sobre a demanda local para Enoturismo, a diretora respondeu que:

O Enoturismo já faz parte de nossa realidade há vinte anos e cresceu muito nos últimos dez anos. Até 2020 nossa demanda crescia constantemente, com grupos de mineiros, paulistas e cariocas, além dos gaúchos das cidades vizinhas, Santa Maria principalmente. Chegamos em médias de até grupos de 80 pessoas/mês. No verão de 2020 tivemos 3 grandes grupos destes. Entretanto com a Pandemia tudo mudou e a demanda caiu bastante. Hoje o que cresceu foram os moradores locais e visitantes vizinhos a comprar direto nas vinícolas. O consumo de bebidas cresceu com a Pandemia, mas a demanda por nossos *tours* caiu. Nossa expectativa é que o turismo regional e interno é a aposta para a retomada da atividade (Diretora/Agência Corticeiras).

Nesse sentido, contribuiu a Enóloga da Cordilheira de Santana

Desde que começamos a receber turistas, em 2006, até agora, só percebemos crescimento. Acreditamos que a demanda crescerá e melhorará. Nós temos grandes projetos para melhorar o atendimento do turista. De forma geral acredita-se muito no turismo da Campanha Gaúcha. Os nossos clientes vêm de todo o Brasil e temos uma boa saída na venda de vinhos diretamente na nossa loja (Enóloga/Cordilheira de Santana).

Nota-se que existe uma percepção positiva sobre os polos emissores de enoturistas.

Os enoturistas que recebemos do próprio Rio Grande do Sul são, em sua maioria, de Pelotas, Porto Alegre e principalmente de Santa Maria. De Santa Maria vem muita gente. Depois são os visitantes de Santa Catarina, de Minas Gerais, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Atendíamos um grande grupo da Associação Brasileira de Sommeliers, porém com a Pandemia as visitas foram canceladas. Esperamos reorganizar este grupo quando for possível. A crise do COVID-19 nos impactou muito, na diminuição de visitantes inclusive porque as lojas de *free-shop* de Rivera estão fechadas (Diretora/Agência Corticeiras).

É possível observar uma percepção positiva em relação à demanda, entretanto sentiu-se falta, nas respostas dadas, de dados técnicos sobre demanda turística. E, nesse sentido, nem mesmo os canais oficiais estão disponíveis. Agências de fomento podem ser responsáveis pelo marketing e pela comunicação de um destino turístico. Percebe-se o trabalho da Secretaria de Turismo da prefeitura de Santana do Livramento ao promover a cidade enquanto destino. A percepção do Enólogo da Cooperativa Nova Aliança é de que o poder municipal atua na promoção dos vinhos e do enoturismo.

Sobre a atuação do Poder Municipal, temos atividades pensadas para as empresas do setor como o Festival Binacional de Enogastronomia, que todo ano promove ações onde, soma-se aos vinhos do município, a pecuária, a cultura, o turismo e a gastronomia local. O Poder Municipal também apoia outro projeto privado que ocorre anualmente, o Salão de Vinhos. Houve também outros projetos, hoje inativos, como o Festival da Uva e do Vinho. (Enólogo/Nova Aliança).

A atuação da Prefeitura e suas secretarias é percebida de distintas formas.

Gostaríamos de contar mais com o Poder Municipal. Na administração passada existia um convênio para o programa “Turismo na Escola”, onde a prefeitura viabilizava passeios escolares à Ferradura dos Vinhedos e às propriedades com atividades direcionadas. Atualmente somos solicitados para que nós, profissionais, os orientemos. E, com a Pandemia, tudo piorou e precisamos nós mesmos nos articular para garantir a sobrevivência. Em abril de 2021 realizaremos um evento virtual para visita dos pontos de enoturismo de Livramento e o Sebrae constantemente nos auxilia com *lives* para as agências da fronteira Oeste, Bagé e Uruguaiana (Diretora/Agência Corticeiras).

Corroborar a Enóloga que “Não há nenhuma atuação por parte do Poder Municipal no desenvolvimento da atividade vitícola” (Enóloga/Cordilheira de Santana).

Além das questões relacionadas diretamente à promoção e ao arranjo das atividades turísticas, no que diz respeito à infraestrutura, o Poder Municipal também foi mencionado:

Esperávamos o asfaltamento da Ferradura dos Vinhedos, mas este processo foi difícil. Todos pediam para a Prefeitura, mas foi necessário a união de alguns empresários locais para asfaltarem e, ainda assim, nem toda a Ferradura está asfaltada. (Fruticultor/Vila Paloma)

Além de participações em eventos, a prefeitura desenvolveu uma página na internet dedicada à promoção turística, conforme a figura 17 a seguir. Com aspecto contemporâneo, o site foi arquitetado e desenvolvido com uma linguagem de

programação moderna que atende aos requisitos de usabilidade atuais, como boa navegabilidade em dispositivos móveis.

Figura 17 – Imagem Site de Turismo da Secretaria de Turismo de Santana do Livramento



Fonte: Secretaria de Turismo de Santana do Livramento (2020).

Entretanto, o hoteleiro ressalta que se percebe, por parte da prefeitura, falta de experiência na execução da pasta de turismo.

É necessária uma maior união dos próprios trabalhadores do turismo para demandar maior ação política efetiva do município. Não existe planejamento e nem calendário de eventos para atração turística. Esta situação de Pandemia piorou o cenário, pois se antes a prefeitura não tinha orçamento para a pasta, hoje temos a certeza de que o município não contará com força política para o desenvolvimento do turismo após a crise do COVID-19. (Hoteleiro/Hotel Castelo)

O turismo é percebido pelos entrevistados como benéfico para o desenvolvimento local

Nosso sítio tem 6 hectares onde 3 hectares são de produção de uva para revender para a indústria aqui da localidade. Já conversamos com pessoas aqui do turismo da cidade sobre abrir para receber turista para visitar as parreiras e fazer um café campeiro. Nossa ideia era começar em 2020, mas com a Pandemia deixamos para iniciar quando a quantidade de visitantes volte ao normal. Nossa intenção com o enoturismo é que podemos ter uma fonte alternativa de renda mensal. (Fruticultor/Vila Paloma)

Vejo uma relação direta do enoturismo com o desenvolvimento socioeconômico da Ferradura dos Vinhedos. A maioria dos habitantes, por exemplo, da vila Paloma, hoje são mão de obra das vinícolas, estas pessoas teriam que trabalhar em outra atividade se não fossem as vinícolas locais. Com a Pandemia a Almadén, por exemplo, foi o ano que mais venderam

vinhos e por isso chegaram a contratar mais pessoas para trabalhar no comércio, para atender os visitantes, pois aumentou o consumo de vinhos. Quando é época de colheita, entre janeiro a março, chaga-se a contratar até 100 pessoas a mais. O processo da colheita é manual e por isso chega a dobrar o número de funcionários. (Diretora/Agência Corticeiras).

Segundo o ponto de vista de um dos proprietários da vinícola Pueblo Pampeiro,

Estamos abertos para o Enoturismo e há uma grande demanda, cada vez maior. A atividade promove muito os vinhos e é medianamente rentável [para a propriedade]. Entretanto, sobre o impacto prático no desenvolvimento socioeconômico de Livramento, não tenho números para validar minha opinião, mas acredito que já foi maior antigamente. (Coproprietário/Pueblo Pampeiro)

Em termos gerais, percebe-se como promissora a atividade enoturística no município. As saídas e os diários de campo foram importantes para coletar elementos e informações que são corroboradas pelos entrevistados. Ou seja, a expansão da atividade turística de Livramento a partir da tipologia de turismo de uva e vinho se mostra capaz de gerar oportunidades para distintos atores sociais, independentemente de estes não serem ligados diretamente à atividade agrícola.

Resta notória a organização dos entes privados em torno do desenvolvimento do enoturismo no município. Os trabalhos da OMT, orientados pela valorização do turismo em espaço rural, ganham novos significados após a crise da COVID-19, visto que a chamada retomada do setor turístico foi prevista para ser realizada pelo turismo regional. Independentemente da prática turística, defende-se que a vitivinicultura vem se fortalecendo e já constituiu um território com identidade própria na Campanha, com relações econômicas, sociais e políticas estabelecidas e enraizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar os atores sociais e discorrer sobre suas territorialidades é essencial para analisarmos como são tramadas as redes do território da uva e do vinho na Campanha. Esses trabalhadores do espaço rural são os responsáveis pelas configurações paisagísticas, elemento fundamental para o turismo. Aprender esta dinâmica é importante para buscar um olhar amplo acerca das repercussões que a vitivinicultura tem em relação a outros arranjos produtivos. Conhecer quem são os atores é necessário para entender as relações de forças que existem entre eles. O arranjo territorial, portanto, se baseia na interação e organização entre grupos e atores sociais. Ao excluir um tipo de ator da organização territorial, a sociedade opta pelas consequências da marginalização em detrimento dos benefícios da inclusão e da participação democrática e plural dos distintos grupos sociais.

Em se tratando de uso de solo e área ocupada, a viticultura, em Santana do Livramento, utiliza um espaço total menor se comparado à pecuária e às pastagens. A produção de uva e vinho se apropria dos elementos culturais, sejam eles casas históricas ou a figura do gaúcho da lida do campo, para compor sua própria narrativa e criar seu viés singular na sua formação identitária. Daí o surgimento da IG concedida pelo INPI. Para a promoção e difusão de seus produtos vitícolas, recorre-se aos temas culturais, que fazem parte das relações de endogeneidade de Livramento desde sua formação histórica. O Pampa, as estâncias e suas paisagens típicas são utilizados pelos territórios da uva e vinho como elementos locais que os fortalecem. Percebe-se isso pela apropriação desses elementos na formação dos roteiros e das atividades enoturísticas, com degustações harmonizadas com o churrasco de fogo de chão ou com a carne de ovelha. Os rótulos das garrafas das vinícolas locais, fazendo alusão às paisagens do Pampa e ao gaúcho de origem, da fronteira, buscam demonstrar a identidade da bebida, única e característica da Campanha.

Se as potencialidades de um Local são estimuladas a partir de suas relações endógenas, sua cultura e o meio no qual estão inseridas, é possível entender que a vitivinicultura irrompe territórios em Livramento e se apropria desse potencial para fortalecer o seu próprio. Entretanto, as territorialidades da uva e do vinho não são pertencentes às características culturais locais, típicas dos saberes de Livramento. Há um período de adaptação, de capacitação de força de trabalho, de adequação e de transformação cultural.

O turismo já é uma atividade constante e recorrente em Santana do Livramento. Com o turismo de compras, existe um fluxo de períodos com mais e menos turistas, uma demanda, enfim, consolidada. O turismo de compras costuma ser uma atividade rápida e que não consome todo o equipamento turístico local. Mas a iniciativa privada local tem trabalhado para conquistar a demanda do turismo de compras para o enoturismo. A perspectiva de demanda por enoturismo pode se dar, inicialmente, internamente. Observou-se que o empreendimento Amsterland, um parque temático de águas termais, recebe um grande número de visitantes de final de semana, a maioria do próprio município de Santana do Livramento. Além do parque temático, existe uma área de estacionamento onde camionetes no estilo *food-truck* servem bebidas e comidas ao ar livre para os visitantes. Nos finais de semana, esse espaço se torna de interesse para o lazer público. O ingresso no parque é pago, mas o acesso à área de alimentação é gratuito, tendo o comensal que pagar apenas o que consumir. Não existe, entretanto, nenhuma referência à enogastronomia local. O espaço se dedica a comidas e lanches rápidos e também à cerveja artesanal. As vinícolas da Ferradura dos Vinhedos já costumam receber muitos clientes do município em suas lojas para comprar vinhos. Essa demanda cresceu ainda mais durante a Pandemia, em 2020. Esse fluxo constante pode ser o passo inicial para que surjam outras atividades na Ferradura dos Vinhedos. Nesse sentido, os agricultores que cultivam uva poderiam se beneficiar com o crescimento da demanda. Além disso, já são constantes os fluxos de enoturistas de Santa Maria, Pelotas, Porto Alegre e de outros estados.

Na Campanha, originalmente em Santana do Livramento, a vitivinicultura se dá por razões econômicas, inicia o processo de constituição de um território e, hoje, afeta culturalmente o local, o qual se constituiu como um território vitícola. O enoturismo, tal qual está composto em Santana do Livramento, ainda tem alguns desafios a enfrentar antes de poder realizar seu potencial. A questão da distância dos principais centros urbanos do estado e do acesso exclusivamente rodoviário tornam-se um gargalo no desenvolvimento enoturístico do município. Apesar desses desafios, percebeu-se um ambiente favorável à atividade enoturística a partir da própria percepção dos entrevistados. A atividade é descrita como em crescimento e com futuro promissor. A não disponibilização de dados oficiais, entretanto, abre espaço para novas pesquisas e aprofundamento. Com informações mais objetivas, o plano de ação para o desenvolvimento enoturístico de Livramento tem maiores chances de

ter sucesso. Diante dos relatos colhidos, esse planejamento, esperado por parte do Poder Municipal, não se realizará. Nesse sentido, percebe-se que o desenvolvimento das atrações e ofertas turísticas de Santana do Livramento ocorre de forma progressiva a partir de projetos independentes das demandas individuais dos atores da iniciativa privada. Nota-se que o poder público assume um papel secundário, respondendo passivamente ao atuar na promoção do destino. Entretanto, não está clara sua atuação como órgão que planeja, ordena e fiscaliza a atividade turística.

Em termos de desenvolvimento local, nota-se que o Enoturismo em si não provoca um impacto pronunciado, mas a atividade vitivinícola, esta sim – do plantio, do cultivo, da vinificação e do envase – tem garantido absorção de mão de obra local, além do incremento de receita municipal através dos impostos. Como resposta ao problema de pesquisa desta dissertação, percebeu-se que a repercussão social da viticultura no desenvolvimento local e turístico de Santana do Livramento pode melhorar. Já existem laços e relações econômicas entre atores, entretanto a atividade utiliza um espaço de terra limitado quando comparado com outras culturas.

Por fim, sente-se a falta da atuação do poder público. Entende-se que é seu papel instrumentalizar os atores sociais conforme suas necessidades específicas, com atenção especial aos grupos que, via de regra, têm menos acesso à informação e menos capacidade de ação. Sobre isso, corrobora Desjardin (2017, p. 14) afirmando que “O arranjo de um território não é espontâneo: o território não se ‘auto-organiza’”. Conforme a participação ativa do heterogêneo grupo de pequenos agricultores e distintos atores sociais, será possível viabilizar o desenvolvimento local através dos novos territórios da Campanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AGUIAR, J. S. V. **Uso da terra, técnica e territorialidade: os assentamentos de Santana do Livramento/RS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

AIRWAY. *Azul anuncia acordo para adquirir a empresa regional Flex, 2020*. Disponível em: <<https://www.airway.com.br/azul-anuncia-acordo-para-adquirir-a-empresa-regional-two-flex/>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

ALBORNOZ, V. P. L. **Armour: uma aposta no Pampa**. Santana do Livramento: Pallotti, 2000.

ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Pesquisa em Extensão Rural: um manual de metodologia**. Brasília, MEC/ABEAS, 1989.

ANDREOTTI, G. **Paisagens Culturais**. Curitiba: Editora UFPR, 2013

AZEVEDO, B. **Clusters: os distritos industriais dos países em desenvolvimento**. In: Desenvolvimento em Questão. Ijuí: Ed Unijuí, 2003. p. 99-121.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 4ª ed. rev. São Paulo: SENAC, 2001.

BERQUE, A. **Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage**. Paris: Editions Champ Vallon, 1994.

BERQUE, A. **La pensée paysagère**. Paris: Archibooks, 2008.

BERQUE, A. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, p.84-91.

BOISIER, S. **Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político**. Revista Planejamento e Políticas Públicas IPEA, n.13, jun. 1996. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/issue/view/10>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BOYER, M. **História do turismo de massa**. Bauru: EDUSC, 2003.

BRASIL. Ministério da Infraestrutura. **ANTT autoriza operação do Trem do Livramento, 2014**. Disponível em: < <http://transportes.gov.br/ultimas-noticias/2874->

[antt-autoriza-opera%C3%A7%C3%A3o-do-trem-do-livramento.html](#)>. Acesso em: 14 fev. 2020.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento e desenvolvimento local e municipal sustentável: material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos de planejamento local e municipal**. Brasília: Ministério Extraordinário de Política Fundiária, 1999.

CARGNIN, A. P. **Políticas de desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul: vestígios, marcas e repercussões territoriais**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2014.

CASA ALBORNOZ. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.casaalbornoz.com.br>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

CHARON, J. M. **Sociologia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Saraiva, 2004.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **A dinâmica do espaço agrário no município de Sant'ana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais**. Estudos Geográficos. Rio Claro, jan-jun/2005, p.53-70. Disponível em: <www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>. Acesso em: 11 mar. 2020.

CHELOTTI, M. C. **Reterritorialização e identidade territorial. Sociedade & Natureza**. Revista Sociedade e Natureza: Uberlândia, v. 22, n.1, p.165-180, abril 2010.

CHELOTTI, M. C. **Processos de Territorialização – desterritorialização no espaço agrário gaúcho**. In: CHELOTTI, M. C. et. Al. (Org.). Geografia agrária e diversidades territoriais do campo brasileiro. Uberlândia, Assis, 2012. p. 63-88.

CLAVAL, P. **A paisagem dos geógrafos**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CORDILHEIRA DE SANTANA. *Conheça a vitivinícola*. Disponível em: <<https://www.cordilheiradesantana.com.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2020

COSGROVE, D. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

- CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à geografia do turismo**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2003.
- DALLA VECHIA, R. **Arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento local e regional**. Revista Capital Científico, Guaraparuvá – PR, v.4, n.1, p. 32-50, jan./dez. 2006.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEMATTEIS, G. **Sul crocevia della territorialità urbana**. In: DEMATTEIS, G. et al. (Org.). I futuri della città – Tesi a confronto. Milano: Angeli, 1999.
- DEMATTEIS, G; GOVERNA, F. **Territorialità, Sviluppo Locale, Sostenibilità: Il Modello Slot**. Milano: Franco Angeli, 2005.
- DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- DESJARDINS, X. **L'aménagement du territoire**. Malakoff: Armand Colin, 2017.
- DI MÉO, G. **Les territoires de la localité, Espace géographique**. v. 22, n. 4, 1993, p. 306-317. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1993_num_22_4_3226>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Indicações geográficas de vinhos do Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil/ig-registrada/campanha-gaucha>>. Acesso em: 19 maio 2020.
- FERREIRA, F. G. **Estratégias de produção das empresas vitivinícolas da Serra Gaúcha investidoras em vitivinicultura na metade sul do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FIORI, T. P. **Economia e Política do Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2016.
- FLORÊNCIO, A. M. G.; MAGALHÃES, B.; SOBRINHO, H. F. S.; CAVALCANTE, M. S. A. O. **Análise do discurso: fundamentos e prática**. Maceió: EDUFAL, 2016.
- FONTOURA, L. F. M. **A produção social do espaço agrário**. In: Verdum, R.; Basso, L. A.; Suertegaray, D. M. A. (Org.). Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação. 1 ed. Porto Alegre: 2004, v.1, p. 233-246.
- FONTOURA, L. F. M. **Pampa: terroir do gado bovino?** Geosul, Florianópolis, v. 34, n. 71 – Dossiê Agronegócios no Brasil, abril, 2019. p. 213 - 238.
- FUINI, L. L. **Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema**. GeoTextos, Salvador, vol. 9, n. 2, dez. 2013. p. 57-83.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (RS). **FEE Dados**, 2015. Disponível em: <<http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!/home/unidadesgeograficas>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FURTADO, C. **Furtado Essencial**. In: D'AGUIAR, R. F. Penguin, Companhia das Letras, 2013

GAÚCHAZH. **Voo para Livramento usará aeroporto uruguaio e terá taxa internacional**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2019/07/voo-para-livramento-usara-aeroporto-uruguaio-e-tera-taxa-internacional-cjyojy0q605ql01msg56tivat.html>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun., 1995.

_____. A. S. **Estudo de caso qualitativo**. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GRAZIANO DA SILVA, J. et al. **Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil**. In: ALMEIDA, J.A. et al (Org.). Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.

GRAZIANO DA SILVA, J. et al. **O novo rural Brasileiro**. In: Oficina de Atualização temática: Ocupações rurais não-agrícolas. Projeto Urbano Unicamp, 1998. Disponível em: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GUIRADO, M. **Psicanálise e análise do discurso**: matrizes institucionais do sujeito psíquico. São Paulo: Summus, 1995.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2009**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv61658.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Censo Agropecuário, 2017**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões Geográficas, 2017**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL - INPI. **Revista de Propriedade Industrial**, Maio, 2020. Disponível em:

<http://revistas.inpi.gov.br/pdf/Indicacoes_Geograficas2574.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

JORNAL MINUANO. **Projeto trem do Pampa pretende tornar Bagé ponto turístico em rota ferroviária**. Disponível em:

<<http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/03/14/projeto-trem-do-pampa-pretende-tornar-bage-ponto-turistico-em-rota-ferroviaria>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LUCIARI, M. T. D. P. **A (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo**. In.: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). Paisagem, Imaginário e Espaço. – Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LUCKI, J. **Investimento em vinhedos: prazeres da mesa: a bíblia da gastronomia**. Prazeres da Mesa, 10 anos, v.1, n. 115, p. 130 – 131, 2013. Disponível em <<http://prazeresdamesa.uol.com.br/colunas/investimento-em-vinhedos/>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

MABY, J. **Le vin argument identitaire du territoire**, 2007. Disponível em <<https://jacquesmaby.wordpress.com/2007/01/13/le-vin-argument-identitaire-du-territoire/>>. Acesso: 20 fev. 2020.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti, 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V. **A vitivinicultura e a articulação de um novo território na Campanha Gaúcha**. In: VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária; VIII Simpósio Nacional de Geografia Agrária; Jornada das Águas e Comunidades Tradicionais. Goiânia/ GO, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARIA, Y. L. **Paisagem: entre o sensível e o factual**. Uma abordagem a partir da Geografia Cultural. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06072011-125730/publico/2010_YanciLadeiraMaria.pdf> Acesso em: 17 fev. 2021.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. RCO-Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP, v.2, n.2, p.8-18 jan/abr. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34702>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MEDEIROS, R. M. V. **Território, espaço de identidade**. Em SAQUET, M.; SPOSITO, E. (Org.) Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos, 1 ed. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2009.

MERCADO E EVENTOS. **WTM discute uso da tecnologia para o desenvolvimento do turismo rural.** Mercado e Eventos, 2019. Disponível em: <<https://www.mercadoeeventos.com.br/feiras-e-eventos/wtm-discute-uso-da-tecnologia-para-desenvolvimento-do-turismo-rural/>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MIOLO. **O Grupo.** Disponível em: <<https://www.miole.com.br/o-grupo/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MURTA, S.M.; GOODNEY, M. **Interpretação do Patrimônio para visitantes: um quadro conceitual.** In: MURTA, S.M.; ALBANO, C. (Org.) Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL - MARGS. **Glauco Rodrigues em catálogo de obras.** Disponível em <<http://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/G/16755/>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

NOVA ALIANÇA. **Institucional: sobre nós.** Disponível em: <<http://novaalianca.coop.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

OLIVOPAMPA. **Nossa história e Olivoturismo.** Disponível em: <https://olivopampa.com.br/?page_id=14250>. Acesso em: 15 mar. 2020.

PESSÔA, V. L. S. **Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa nas “trilhas da investigação”:** apontamentos sobre experiências acadêmicas vividas em **Geografia Agrária.** In: MARAFON, G. J.; CHELOTTI, M. C.; PESSÔA, V. L. S. Temas em Geografia Rural. Rio de Janeiro: Eduerj, 2019.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, C. **A produção das estruturas territoriais e sua representação.** In: SAQUET, M. e SPOSITO, E. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 17-35.

SALTON. **Terroir.** Disponível em: <<https://www.salton.com.br/terroir/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. In: COSTA, W. R., GONÇALVES, C. W. P. **O País distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4 ed. São Paulo: Editora USP, 2006.

SAQUET, M. **Colonização italiana e agricultura familiar.** Porto Alegre: EST Edições, 2002.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SAQUET, M. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Revista Geosul, v. 22, n. 43, p. 55-76. Florianópolis, 2007.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SCHÄFFER, N. O. **Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da Geografia**. In: NEVES, Iara. et. al (Orgs.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO - SEPLAN (RS). **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**, 2019. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SECRETARIA DO TURISMO DE SANTANA DO LIVRAMENTO. **Turismo Santana do Livramento**. Disponível em: <<http://turismolivramento.com.br/o-que-fazer/detalhes.php?skid=Nw==>>. Acesso em: 15 maio 2020.

SECRETARIA DE TURISMO DE SANTANA DO LIVRAMENTO. **Mapa turístico “Ferradura dos Vinhedos”**. Disponível em: <<http://turismolivramento.com.br/o-que-fazer/detalhes.php?skid=Nw==>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SERVIÇO FEDERAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS - SERPRO. **Lojas Francas vão dinamizar economia de cidade de fronteiras**. Disponível em: <<https://www.serpro.gov.br/menu/noticias/noticias-2019/lojas-francas-dinamizam-economia-cidades-fronteira>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVEIRA, M. B. **Marketing de lugares como promotor do desenvolvimento territorial: Análise nas empresas vitivinícolas da região da campanha/RS**. 2018, 225f. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.

SIMONETTI, E. R. S.; KAMIMURA, Q. P. **As políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento de arranjos produtivos locais**. In: Oliveira, C. W. de A. et al. (Org.), Arranjos produtivos locais e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

SOUZA M.; DOLCI, T. S. **Sinergias entre turismo e atividades agrícolas: o exemplo do enoturismo**. In: SOUZA M.; DOLCI, T. S. (Org.) Turismo Rural: fundamentos e reflexões. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2019.

TUAN, Y. **Topofilia, um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Ed. Eduel, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Projeto ferradura dos vinhedos é oficializado como atrativo turístico do Rio Grande do Sul**, 2018. Disponível em:

<<https://unipampa.edu.br/portal/projeto-ferradura-dos-vinhedos-da-unipampa-e-oficializado-como-atrativo-turistico-do-rio-grande-do>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. **Curso de Bacharelado em Enologia é uma alternativa para diversificar a matriz produtiva de Dom Pedrito**, 2018. Disponível em: <<https://unipampa.edu.br/portal/curso-de-bacharelado-em-enologia-e-uma-alternativa-para-diversificar-matriz-produtiva-de-dom-pedrito>>. Acesso em: 20 jan. 2021

VALDUGA, V. **O processo de desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos**. Dissertação (Mestrado em Turismo). Caxias do Sul: UCS, 2007.

VALDUGA, V., Minasse, M. H. S. G. G. **O enoturismo no Brasil: Principais Regiões e Características da Atividade**. Territoires du Vin, 2018. Disponível em: <<http://preo.u-bourgogne.fr/territoiresduvin/index.php?id=1635>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO I

Formulário de Entrevista para Viticultores e Vinícolas de Santana do Livramento

1. A que se dedica a sua propriedade e onde localiza-se a sua propriedade?
2. Quantos hectares tem sua propriedade e quantos hectares são cultivados?
3. Entre plantação, cultivo, colheita, vinificação e comercialização, quais etapas do processo são realizadas localmente na sua propriedade? Há alguma etapa realizada fora de Santana do Livramento?
4. Quem são seus principais fornecedores e onde estão localizados?
5. Quantas pessoas são empregadas fixo e por temporada na planta atualmente?
6. Seus colaboradores são habitantes de que região de Santana do Livramento?
7. Qual a sua percepção sobre a atuação do Poder Público para o desenvolvimento da sua atividade?
8. De que forma a sua propriedade impacta no desenvolvimento socioeconômico de Santana do Livramento?
9. De que forma a vitivinicultura impacta no desenvolvimento local de Santana do Livramento?
10. Como é feito o processo de comercialização?
11. Quem são seus principais clientes e onde eles estão localizados?
12. Sua vinícola está aberta para o Enoturismo?
13. Qual sua percepção do Enoturismo em Santana do Livramento?
14. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

ANEXO II

Formulário de questões para atores das Atividades Características do Turismo (ACTs)

1. Que tipo de atividades você desenvolve no sistema de turismo em Santana do Livramento?
2. Qual a sua percepção sobre o Enoturismo em Santana do Livramento?
3. Qual a sua demanda média de turistas/enoturistas?
4. De onde são provenientes os enoturistas que você recebe?
5. Quem capacita/treina os trabalhadores do enoturismo em Santana do Livramento?
6. Qual a sua percepção da atuação do Poder Municipal para o desenvolvimento do enoturismo no município?
7. Existe alguma instituição responsável por municiar o setor de dados sobre demanda turística? Comente.
8. Quais são os principais desafios enfrentados por quem trabalha com enoturismo em Santana do Livramento?
9. Quais são os principais pontos positivos/fortes de Livramento para o desenvolvimento da atividade enoturística?
10. Qual o impacto que você observa que o enoturismo tem no desenvolvimento local de Santana do Livramento? Explique.
11. Como você percebe que a crise sanitária do COVID-19 afetou as atividades enoturísticas de Livramento?
12. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?